



O Caminhar e o permanecer em suas diversas perspectivas:  
Propostas de renovação dos mirantes e trilhas do Norte da Ilha de Florianópolis

Nome: Andressa Katherine Marques Xavier  
Orientador: Carlos Eduardo Vaz  
2018.1

## Prefácio

Durante os cinco anos na faculdade de Arquitetura e Urbanismo o pensamento ao passar por terrenos vazios muda diversas vezes. Desde os primeiros anos, em que se acha bonito - um respiro dos prédios - até as últimas fases, depois de ver sofás abandonados nestes, serem usados por pessoas como espécies de bancos de praças.

Com diversas aulas sobre o crescimento desordenado das cidades e a função social, econômica e urbana dos terrenos vazios, agregado à experiência de passar diariamente pela rodovia estadual SC 401 de Florianópolis e por terrenos próximos, ao mesmo tempo, de comunidades carentes, praia e comunidade de classe média alta, surgiu o questionamento sobre o que os moradores consideram espaço público, em lugares urbanizados ou não.

Pelo movimento de imigração ter sido significativo na cidade, tanto por pessoas que chegaram com o intuito de permanecer quanto por outras que vieram como turistas e aqui se instalaram, esse conceito de espaço público tem diversas facetas, já que é diferente permanecer na cidade um período curto de tempo de um longo.

A cidade em geral, une população que reside há bastante tempo, com culturas próprias e, outras que chegaram recentemente. As proporções entre elas alteram-se de acordo com o bairro e intensificam-se no verão, quando somam-se aos moradores, os turistas que permanecem somente na alta temporada. A cada 100 habitantes de Florianópolis, 48 são nativos, 22 de outras cidades de Santa Catarina, 19 de outros estados do Brasil e 1 de fora do país <sup>\*1</sup>.

Os bairros do Norte da Ilha, por exemplo, possuem moradores mais antigos que tinham seu sustento principalmente na pesca e na agricultura, produzindo mandioca, cana, cebola, arroz e café <sup>\*2</sup>. Principalmente de 1960 a 1980 <sup>\*2</sup>, com o processo de modernização da cidade, chegaram, em grande parte, gaúchos, cariocas e mineiros que vieram para trabalhar na UFSC e na Eletrosul. Porém, os que permaneceram em massa nesses bairros, foram predominantemente os gaúchos, segundo Daniel Queiroz.

Nos anos de 1990, seguindo a tendência nacional de crescimento de cidades de porte médio, aliados à propaganda de boa qualidade de vida da cidade e investimentos no turismo e infraestrutura, chegaram imigrantes de diversos lugares, nacionais e internacionais, tendo na região Norte, os argentinos como destaque.

Nota-se que nesses locais, litorâneos e que tem a população com grande mudança de número, devido à sazonalidade, a atividade turística tem grande impacto. Como o maior atrativo ainda é a praia, o poder público investe pouco nas outras áreas livres de lazer, tais como praças, parques, etc. O que gera questionamentos de qual seria a tipologia de espaços livres mais apropriada para este contexto.

Tal falta de investimento complica-se ainda mais com a comodidade da população (sendo a de residência fixa a mais afetada). Os moradores de condomínios fechados, que possuem diversas atividades como academias, piscinas, bosques, praças internas, acreditam que o entorno seja só para abrigar isso, não precisando de atividades públicas fora dessas estruturas.

Aparentemente os moradores de regiões próximas às praias e o poder público também acreditam que não sejam necessários mais espaços coletivos, já que elas são públicas (porém, são pouco utilizadas em meia estações e menos ainda em invernos mais rigorosos, além de serem suscetíveis às interpéries temporais).

Em alguns desses casos, a população se contenta com praças e academias de idosos dentro de loteamentos, que é o mais perto de espaços públicos adequados e com investimento que possuem sem necessidade de grandes deslocamentos.

Parecendo entender o nosso contexto, Jan Gehl cita em seu livro

Gradativamente, as forças do mercado e as tendências arquitetônicas afins mudaram seu foco, saindo das interações e espaços comuns da cidade para os edifícios individuais, os quais, durante todo o processo, tornaram-se cada vez mais isolados, autossuficientes e indiferentes. (GEHL 2010, p. 3)

<sup>\*1</sup> Queiroz, Daniel. <https://ndonline.com.br/florianopolis/especial/floripa-de-todos-os-povos>

<sup>\*2</sup> <http://www.guiafloripa.com.br/turismo/praias/cachoeira-do-bom-jesus>

<sup>\*3</sup> <https://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/populacao-deixa-regioes-tradicionais-de-florianopolis>

## Prefácio

Portanto, a convivência diária e a falta de equipamentos para os moradores, fez com que a minha investigação como futura arquiteta e urbanista fosse nessa direção, buscando meios de aumentar o uso da rua de forma planejada e eficiente, aproveitando ao máximo o potencial paisagístico do Norte da Ilha e os percursos que os ligam. Aproveitando também a diversidade de relevo que propicia o “permanecer” em locais tanto no nível do mar, quanto em mais elevados, emergindo visualmente ou fisicamente na vegetação e paisagem existentes.

Se é desejado pelo IpuF expandir os aglomerados urbanos pela malha viária da capital<sup>\*3</sup> (hoje localizadas no entorno do centro da cidade), o número de moradores nos bairros mais afastados aumentará e a tendência atual é providenciar terrenos ocupáveis ao invés de urbanizáveis (no sentido de que urbis é a cidade vivenciada, como Clovis et.al, cita no livro *O Olho do Inseto*).

Contra isso, o meu desejo é de urbanizar melhor, propondo alternativas para que alguns espaços ainda vazios e outros de pouco uso possam ter utilizações constantes e coletivas, proporcionando maior convívio entre diversas pessoas e melhorando a qualidade de vida dos atuais e futuros usuários, através de usos como praças, parques e caminhos entre eles pensados e prazerosos, que abriguem estruturas construídas ou somente seu espaço tratado, desde que feito com investimento e manutenção. Incentiva-se assim, além da permanência, o deslocamento a pé e o aguçar dos sentidos por onde passamos.

Aproveita-se, dessa maneira, o que já existe na cidade, tornando os terrenos propícios ao uso coletivo, incorporando as paisagens naturais ao cotidiano. Por isso esses locais serão chamados de mirantes e seus percursos, de trilhas ou caminhos. Porque permitem ver o que a cidade tem, feito pelo homem ou não. E se bem pensados, permitem além de ver, tornar-se parte do lugar.

# Paisagem

Seu conceito foi pouco compreendido durante a história, principalmente até o trabalho do geógrafo alemão Friedrich Ratzel, como cita Lidiane Aparecida Alves (2014, p. 2). Contradizendo o determinismo, ele estudou a antropogeografia, considerando a relação do homem com o meio. O geógrafo francês Paul Vidal de La Blache também foi um grande defensor de que o homem poderia moldar o meio ambiente, compreendendo a paisagem como construção humana.

Principalmente após esse período, o conceito de paisagem, passou a englobar diversas áreas, como psicologia, sociologia, geografia, arquitetura, entre outros, sendo pesquisada em toda a sua complexidade.

De acordo com a definição de Milton Santos, tudo o que vemos é paisagem, tudo o que está ao nosso redor e que nossa visão alcança é paisagem.

As paisagens são individuais e dinâmicas, pois refletem as características de determinada civilização e meio. Assim, para a compreensão da paisagem, considerar a cultura, evolução temporal sem desconsiderar o meio ambiente é essencial. No âmbito do espaço urbano, os estudos da paisagem viabilizam a compreensão de diversas características de uma cidade, considerando aspectos humanos e físico-naturais. A paisagem urbana resulta da estruturação da sociedade sobre uma paisagem natural, nela estão presentes símbolos, formas, valores, etc. (ALVES 2014, p.1)

Percebemos, então, que ela é influenciada pela sociedade ao mesmo tempo que a influencia. O que nos faz entrar no conceito de psicogeografia: “estudo dos efeitos específicos do ambiente geográfico, conscientemente ou não, nas emoções e nos comportamentos dos indivíduos” (FREIRE, 2000).

A paisagem é o reflexo e a marca impressa da sociedade dos homens na natureza. Ela faz parte de nós mesmos. Como um espelho, ela nos reflete. É ao mesmo tempo ferramenta e cenário. Como nós e conosco, ela evolui, móvel e frágil. Nem estática, nem condenada. [...]. (BERTRAND e BERTRAND 2007, p.263).

Como já exposto, engloba diversos fatores além do que a vista alcança. Sendo assim, como qualquer leitura, ainda mais no nível da sua complexidade, não é suficiente observá-la. Precisa ser também interpretada. “A leitura da paisagem requer uma alfabetização geográfica a começar pela observação e identificação de seus elementos até atingir seus processos mais complexos, para se construir um pensar geográfico.” (RAZABONI 2008, p. 9)

Pensando na leitura dos espaços através de suas mudanças, será que ao afirmar que foram alterados significa que passaram a ser, em sua totalidade, outra coisa ou que conservaram a essência?

The more it changes, the more it is the same thing. Wherein is it true and wherein false? If changes means to become different but not to be converted into something else, the assertion is true, and the saying emphasizes the fact that whatever is invariant is more evident with change than it would be without change. (GIBSON 2015, p.66)

Em relação à paisagem não temos como saber. Algumas podem sim ser transformadas em algo totalmente diferente, outras conservarem a essência. Afinal, paisagens são incertas e mutáveis.

# A paisagem da cidade

A mesma mudança que ocorre na paisagem é a que se manifesta nas cidades. Independentemente do tamanho e localização, elas refletem os comportamentos dos indivíduos, que se manifestam nas suas formas e tipologias.

Estudos de tipologia arquitetônica são, na verdade, formados e transmitidos pela literatura e pela prática como uma analogia formal e funcional da construção histórica e cultural, em resposta a exigências ideológicas, religiosas ou práticas de uma série de exemplares.

“Compreender sugere indagar sobre o que é possível conhecer de nossas cidades por meio de suas formas e quais as maneiras de conhecê-las que trazemos para essa discussão.” (DE HOLANDA, et. al., 2000).

Para Rossi o tipo vai se constituindo de acordo com as necessidades. É único e variado em diferentes sociedades, está diretamente ligado à forma e ao modo de vida: é algo permanente e complexo, existe antes da forma e a constitui. Rossi diz ainda que nenhum tipo se reduz à forma, mesmo sendo todas as formas arquitetônicas redutíveis a tipos. (AMORIM e TANGARI, 2006, p.62 e 63)

Logo, os tipos são manifestações do desenvolvimento de um local, enquanto formas são os meios destes se concretizarem.

Portanto, a forma está relacionada à função, seja das construções, espaços livres, etc. Por exemplo, as ruas assumem um caráter importante na funcionalidade das cidades. Na época medieval eram estreitas, sinuosas e após 1185, calçadas com pedras, que era um material muito utilizado na época. Suas características eram pela falta de planejamento nas construções e geralmente para dificultar a localização de povos invasores, sem traçados diretos.

“A forma terá de se relacionar com a função de modo a permitir o desenvolvimento eficaz das atividades que nela se processam.” (RIBEIRO, et.al, 2011).

Essa relação pode ser explicada principalmente através de dois discursos: o funcionalista, que defende que a forma adequa-se à função (como observa-se em edificações geralmente monofuncionalistas, fáceis de projetar e executar, que geram uma monotonia nas cidades), e o antifuncionalista, que defende que a função se adapta à forma (RIBEIRO, et.al, 2011).

Temos ainda autores que associam os dois sem dar uma ordem de dependência:

Conteúdo e forma devem ser igualmente adequados um para o outro. A seleção do conteúdo e a seleção da forma constituem um e o mesmo ato estabelecendo a posição básica do criador; e nesse ato uma e a mesma avaliação social encontra expressão. (BAKHTIN,1976. p.18.Citado por Silva,2012.p.4).

No caso desse estudo, a forma é considerada apenas como resultado de processos do tempo, como os sociais, geográficos, políticos, que atuam de maneira planejada ou não. Podem ser mais diretos como os traçados de ruas, formatos das edificações, desenhos dos parques. Porém, podem ser também como o conjunto é visto. Como as edificações dispõem-se nos loteamentos, como são as manchas edificadas e as verdes e as suas distribuições. Como é a densidade do edificado, sua proximidade com a rua. Existência de marquizes ou não, tipos dos bairros (comerciais, mistos, residenciais), entre outras diversas características.

Esses itens nos mostram muito do desenvolvimento do local. Por exemplo, a existência de diversas áreas verdes cuidadas, dá indícios de prioridade de vida em espaços coletivos ao ar livre. Já a inexistência, de maior fechamento dos usuários em estruturas privadas, por exemplo.

## A vida na cidade

“Contudo se percebe, ao percorrer a área, que os potenciais paisagísticos e ambientais foram desperdiçados e destruídos pela cupidez, falta de visão ou mediocridade dos vários agentes produtores da paisagem.” (GONÇALVES, 1999. p.21)

“A paisagem do Morumbi, de Alphaville ou da Barra da Tijuca é o reflexo da “estética da violência”, como é definida por Teresa Caldeira, o confronto entre riqueza e miséria mediado por muros, grades e guaritas.” (GONÇALVES, 1999. p.19)

Em locais como os citados e, também, em outras cidades brasileiras de portes diversificados, a aglomeração de pessoas de diferentes classes sociais tornou-se um problema.

Conforme essas diferenças vão se radicalizando, no conjunto da sociedade, o vínculo com o local desaparece. O vínculo social já não é capaz de abarcar classes tão diferentes simplesmente pela relação de vizinhança, passa-se, então, a buscar os “iguais” em territórios que garantam essa identidade. (GOLÇALVES, 1999. p.25)

A tendência nesses casos é das classes conviverem separadamente. Enquanto quem possui renda menor, usa mais os espaços públicos, quem possui maior, vive cada vez mais dentro de espaços privados.

Essa segregação inexistente em termos geográficos, mas é real em termos espaciais. A área apresenta como um mosaico de favelas e condomínios, ambos fechados, para quem não “pertence ao local”. A sociedade fragmentada não reconhece o outro, as classes sociais extremas (o miserável e o rico) que moram no Morumbi aparentemente “não podem conviver”; assim, não existe a necessidade ou a possibilidade do espaço público. O esvaziamento do espaço público é consequência da falência da vida em sociedade. O encontro dos “iguais” só se dá atrás das portarias dos prédios, dos clubes, das escolas e até dos parques “públicos”. (GOLÇALVES, 1999. p.17)

Tal segregação se manifesta nos espaços públicos das cidades, porém, também no uso da infraestrutura em geral. O Brasil é um país que tem na sua cultura a maior valorização do transporte individual sobre o coletivo. Isso aliado a números populacionais elevados com pouco planejamento, nos traz problemas de grandes cidades.

“Uma região metropolitana não é apenas uma configuração jurídica da união de diversos municípios. A grande cidade é um fenômeno complexo que exige intervenções bem geridas, proporcionando melhores oportunidades para todos os seus habitantes” (ULTRAMARI, Clovis, et.al., 2014, p.40)

Esse pensamento reporta o ideal para as configurações que temos, porém, é pouco seguido.

Independentemente do tamanho, diversas cidades enfrentam problemas de falta de planejamento e crescimento desordenado, vendo cada vez mais a dinâmica dos carros e de altas velocidades ao invés da de pessoas. Os grandes cartões passam a fazer parte da paisagem, as calçadas ficam mais estreitas, mais faixas de transporte motorizado são implantadas, centros comerciais de grande porte, grandes estacionamentos, poucos espaços públicos de lazer. A vida fica assim voltada para uma escala maior, mais distante do pedestre, diferentemente do que “Jan Gehl” (1936) cita como cidades vivas, em seu livro “Cidade para Pessoas”:

A vida da cidade não acontece por si mesma ou se desenvolve de forma automática, simplesmente como resposta à alta densidade. Essa questão requer uma abordagem concentrada e bem mais variada. Cidades vivas requerem estrutura urbana compacta, densidade populacional razoável, distâncias aceitáveis para serem percorridas a pé ou de bicicleta e espaços de boa qualidade. (GEHL, Jan, 1936. p. 69)

Espera-se o ponto crítico do desenvolvimento desordenado, bem diferente do citado, para se pensar em planejamento.

Algumas cidades como Curitiba viram nos anos 90 a mudança de uma configuração provinciana, passando a contar com “uma fisionomia de capital” (ULTRAMARI, Clovis, et.al. O olho do inseto, 2014,

## A vida na cidade

p.40). Após problemas de mobilidade e segurança oriundos desse crescimento desenfreado, passaram a ser pensadas estratégias como sistemas de ônibus planejados, implantação de metrô, estacionamentos subterrâneos (e a “devolução” dos espaços públicos aos usuários), ruas exclusivamente de pedestres, novos espaços públicos, acessibilidade universal nas calçadas, etc.

Apesar de não serem perfeitas, essas propostas buscam reaproximar os pedestres da superfície e não deixar o centro - que sofreu um processo de êxodo principalmente de 1970 a 1990, com a população residente no bairro caindo de 4,1 % dos moradores da cidade para 2,1 % (ULTRAMARI, Clovis, et.al. O olho do inseto, 2014, p.29) - perder o caráter de civis (reunião de pessoas que forma a cidade. Definição por Marcus Tullio Cicero, citado no livro “O Olho do inseto”, 2014). Por isso, apesar de polêmico pelo modo como foi implantado, o Calçadão da Rua XV de Novembro (ou Rua das Flores), é tão defendido por diversos escritores. É local de comércio, encontro, passeio e manifestações artísticas no centro da cidade, facilmente acessível.

Por isso, planejar esses espaços é importante, bem como os outros espaços da cidade. Obtém-se assim, com o planejamento, um esforço para direcionar o crescimento e organizá-lo.

Como cita Steven Meltzer (2013), “Não se trata de um controle centralizado, mas de uma forma de antecipar as necessidades, coordenar esforços e estabelecer um caminho para um horizonte que se constrói de forma coletiva.” \*1

“Antecipar o futuro nos permite estar mais preparados hoje. Para manter-se na vanguarda dos desafios, os líderes da cidade devem estar dispostos a ver as oportunidades e gerenciar os riscos.” (MELTZER, 2013)

A cidade de exemplo teve esses esforços não só em regiões centrais, mas também em outras mais espalhadas pelo seu perímetro, com espaços coletivos distribuídos, velocidades de ruas reduzidas e transporte coletivo melhorado. Teve, portanto, tempos de deslocamentos controlados e, na medida do possível, encurtados.

“O número de usuários, a quantidade, é um fator, mas outro igualmente importante para a vida na cidade é o tempo gasto pelos usuários no espaço público.” (GEHL, Jan 1936, Cidade para pessoas, p.71)

Organizando e direcionando a cidade, faz-se o mesmo com a paisagem.

## Paisagem de difícil acesso

Nos centros urbanos notam-se, muitas vezes, paisagens que não são percebidas devido à grande quantidade de edificações. Nesse caso terraços de prédios, varandas, escadas abertas, ruas em locais com cotas mais elevadas, funcionam como pontos em que se observa o entorno, como mirantes.

Porém, em alguns locais mais afastados, onde predomina a paisagem natural sem muitas construções, muitos espaços ociosos não são aproveitados como deveriam.

A falta de organização espacial dificulta o direcionamento da paisagem em ambos os casos. Porém, nos mais afastados, os grandes deslocamentos agravam a falta de aproveitamento dos espaços. Os serviços possuem grandes distâncias e não há atrativos que chamem atenção das pessoas, seja para passagem, seja para permanência e valorização do entorno em alguns dos terrenos com potencial paisagístico e de lazer não utilizados.

“A grande maioria dos centros das cidades tem um quilômetro quadrado, correspondendo a uma área de 1x1 km. Isso significa que uma caminhada de um quilômetro ou menos levará o pedestre à maior parte dos serviços.” (GEHL, Jan 1936, Cidade para pessoas, p.121)

“A população de baixa renda que não consegue manter moradia nessa área busca fixar-se na periferia da cidade, se deslocando para a área central apenas para trabalhar e realizar outras necessidades.” (SCHWENK, Lunalva; MADUREIRA, Carla. 2005)

\*1 Citado por BARATTO, Romullo, 2014. Tradução por MARCON, Naiane, 2014.

## Cidade de urgência x Cidade histórica

Tais locais, tornam-se assim, periféricos e procurados para estabelecer residência devido ao preço baixo dos imóveis e terrenos. Os moradores aceitam assim, condições de vida que em diversos casos não são ideais, já que, nem sempre possuem investimento do poder público para aumentar e melhorar os espaços de lazer, sendo regiões mais funcionais do que prazerosas.

Se não possuem planejamento, a falta de investimento junta-se com a falta de organização dos espaços e o que poderia ser local de passagem de maneira prazerosa ou de permanência, com valorização do entorno, torna-se, por vezes, um terreno residual.

Assim, a escala do pedestre não é valorizada e o deslocamento motorizado e funcional pode predominar, incentivando a permanência em locais fechados, mesmo quando a região possui, por natureza, características propícias à vida ao ar livre.

### Mudança de escala

Essa diferença de escala não se dá somente entre áreas periféricas e as mais centrais. Assim como percebemos locais para pedestres em espaços mais afastados, dentro dos núcleos urbanos também notamos diferenças de prioridade.

Para estudar as diferentes escalas e suas aplicações, pensemos nas escalas que os detalhes são observados e em “uma totalidade em diferentes escalas de visualização” (SILVA, Jonathas, 2012. p.5).

Dependendo da distância que estamos das pessoas ou de objetos, temos diferentes relações e intenções. Distâncias confortáveis entre amigos são diferentes das que existem entre desconhecidos, por exemplo. Jan Gehl (2000, p.47) divide as distâncias das relações pessoais em 4 grupos principais:

Distância íntima - De 0 a 45 cm. Notam-se facilmente as emoções. Os sentidos predominantes nesse caso são tato e olfato, com contato próximo e caloroso.

Distância pessoal - 45 cm a 1,20 m. É a distância quando uma família está reunida em uma mesa de refeição, por exemplo. Tem-se o contato entre amigos próximos, familiares e conversas sobre assuntos importantes.

Distância social - 1,20 m a 3,70 m. Conversas em torno de uma mesa central são um exemplo disso.

Distância pública - Mais de 3,70 m. É o contato mais formal como distância entre alunos e professores em uma sala de aula. É também a que escolhemos quando queremos mostrar que não somos parte de um evento, assistindo um artista de rua sem participar da performance, por exemplo.

Essas distâncias são as que tomaríamos como base para um projeto de espaço público como parques ou praças, por exemplo. Porém, à medida que aumentamos a escala de projeto, diminuimos a proximidade das relações. Somente com menos de 25m emoções e expressões faciais são reconhecidas. De 25m a 100m, pouca coisa relacionada à comunicação acontece. Com mais de 300 ou 500 metros (dependendo da iluminação e do fundo), é difícil até diferenciar pessoas de arbustos, de acordo com Jan Gehl (2010, p.34).

Se aumentamos ainda mais esses números, detalhes são quase imperceptíveis. Sons se afastam e tornam-se cada vez menos compreensíveis. Passamos assim para a cidade, que reflete as diferentes escalas.

Com grandes distâncias e com o fator velocidade agregado ao espaço, grandes cartazes e letras são necessários. Elementos diferentes dos já comentados influenciam os outros sentidos. A audição é fortemente influenciada pelo vento. Carros com altas velocidades emitem maiores ruídos. Diferentes sons se misturam. A percepção de distância é alterada. Um trajeto longo torna-se curto. Outros meios de transporte diferentes do caminhar entram em discussão.

Muitas vezes essas mudanças de escalas são sem planejamento e colocam os meios de transporte individuais motorizados acima dos coletivos ou dos não motorizados, o que faz com que os espaços públicos não sejam muito valorizados no dia a dia. Ao menos até que se notem as consequências e estes sejam requisitados.

São feitas então, mudanças, normalmente planejadas ou intervenções nesses espaços. Muitas ruas tornam-se espaços agradáveis de se caminhar e estar. Temos assim, as cidades de urgência, alteradas pela necessidade.

## Cidade de urgência x Cidade histórica



Brighton, Inglaterra, antes de 2006. \*1



Brighton, Inglaterra, depois de 2006. \*2



Rio de Janeiro, antes da revitalização \*3



Rio de Janeiro, depois da revitalização em 2016 \*4

\*1 GEHL, Jan, 2015

\*2 GEHL, Jan, 2015

\*3 Prefeitura Rio de Janeiro. Acessado em dezembro de 2017.

\*4 Google Maps. Acessado em dezembro de 2017.

## Cidade de urgência x Cidade histórica

O que essas cidades tem em comum ?

Apesar de terem adotados métodos diferentes para a revitalização, sendo, principalmente, o do Rio de Janeiro, um caso muito polêmico, as duas cidades mudaram a prioridade do automóvel individual para o pedestre. Logo, as escalas também mudaram.

Segundo Jan Gehl (2015, p.15), a cidade inglesa teve um aumento de 62% no movimento de pedestres, enquanto o número de atividades com permanência aumentou 600%.

Portanto, nem sempre as cidades que temos como exemplo da Europa, de prioridade de equipamentos públicos de qualidade e de vida ativa nas ruas, foram assim.

Jan Gehl (2015, p.8, 10, 11, 12, 14) cita outros casos como São Francisco, Copenhague, Nova York e Melbourne que, implantaram atitudes de “Cidades de urgência”, mudando radicalmente o alvo de alguns de seus espaços. Isso fez com que as pessoas caminhassem mais e novas atividades surgissem, aumentando a dispersão dos serviços pela cidade e o maior uso de outros meios de locomoção, que não os carros e motos.

Com isso percebeu-se que “o homem é a maior alegria do homem” (Hávamál, citado por Jan Gehl, 2015, p.23), com seu encanto e interesse humano por outras pessoas e pelos acontecimentos trazidos por elas.



Bologna, Itália. \*1



Toledo, Espanha. \*2

O que Bologna, na Itália, por exemplo, tem de diferente dessas outras cidades?

No que se refere à infraestrutura, a cidade é bem diferente das outras comentadas.

Cidade histórica, com muitas ruelas e processo de urbanização movido à cultura local, a cidade avançou no tempo mantendo as mesmas características tradicionais. Afinal, o transporte por carros já é difícil pelas características físicas e falta de estacionamentos. Além de pertencer a um país com muitas cidades que permitem o deslocamento a pé ou de meios de transporte públicos, unidos ao transporte de motos, muito utilizadas também, difundindo uma cultura de viver as ruas.

Processo de desenvolvimento semelhante ocorreu em outras cidades históricas, como Toledo, na Espanha.

Esses processos são inseridos na malha urbana, sendo vistos mais facilmente de pontos com amplas perspectivas, abordados aqui, como mirantes. E são nestes que percebemos que o desenvolvimento é um ciclo e que as cidades, por mais históricas que sejam, não são estáticas.

## Os ciclos das cidades

“A cidade não é um feito recente: é resultante de um processo histórico”. (ABIKO, et. al, 1995, p.44)

O inchaço populacional da cidade industrial do século XIX e todos os problemas decorrentes desse fato, constituem-se como o impulso de novas idéias para a moderna cidade. A partir da migração campo-cidade de uma população que buscava trabalho e melhores condições de vida, surgem os primeiros bairros operários que em seguida vão apresentar problemas de insalubridade e falta de infra-estrutura (...). O século XX acumulou um acervo considerável de planos urbanísticos baseados nesse paradigma. Algumas cidades totalmente novas foram projetadas e construídas, mas a grande parte dos planos teve que se confrontar com a cidade existente, com uma intervenção mais ou menos agressiva, com um diálogo mais ou menos amigável, como proposta de uma cidade moderna sobre a cidade tradicional, como uma proposta de mudança ao lado da cidade existente. (GONSALES, 2005)

Tais ciclos são percebidos tanto com os novos planos urbanísticos quanto com as cidades que mantêm as características tradicionais, sem intervenções contemporâneas que rompam com o contexto histórico. Independentemente de qual dos dois tipos já comentados sejam, são resultados da junção de ciclos econômicos, sociais, culturais, políticos.

Essas mudanças nada mais são do que a paisagem de um local. Logo, ciclos geram paisagens.

Tal paisagem pode ser da natureza ou não. Quando tratamos como natural, a mudança é muito sensível e o tempo abrangido vai desde milésimos de segundos a anos indeterminados.

(...) foi observado que as escalas de tempo da natureza são muito distintas e que podem abranger tempos da ordem de segundos, ou menos, passando por séculos até milhões de anos, ou mais, chegando ao ponto de que muitos ciclos nunca sejam percebidos ou vistos, apenas saberemos que existem, porque estão muito além de nossa escala de tempo. (UNESP, 2011, p.42)

Hoje essa escala foi misturada à humana. Muito do que era original foi transformado, como terrenos vazios que deram lugar a edificações, solos e vegetações que foram alterados, fauna que sofreu com essas interferências e foi extinta, outras introduzidas.

Em alguns estudos esses ritmos de mudanças são diferenciados, associados ao tempo longo e ao ritmo histórico.

O ritmo das temporalidades da natureza está vinculado ao tempo longo, ao tempo que escoar, enquanto a dinâmica da sociedade se conecta aos ritmos dos processos históricos, cujas relações estão vinculadas à noção de tempo histórico.

De acordo com as fases de desenvolvimento humano, ora temos o domínio do tempo social, ora o tempo natural, ou então certo equilíbrio entre ambos. Santos (2002) explica que houveram momentos históricos nos quais ocorreu um equilíbrio entre os tempos da natureza e da sociedade, por exemplo, quando o território, mais como algo natural, se impunha sobre a sociedade, em virtude do baixo desenvolvimento técnico. (UNESP, 2011, p.43 e 44)

Santos (2006, p.183, citado por UNESP, 2011, p.43) cita que essa divisão fica mais acentuada no momento em que “a cidade deixa de ser o espaço de dominação política e religiosa apenas e passa a ser o espaço de dominação econômica”.

O principal encontro entre o humano e a natureza acontece, portanto, na escala temporal curta, em que a paisagem é afetada por fatores como vento, terremotos, clima. “Tais fenômenos são aqueles que mais chamam a atenção do homem, pois colocam os sentidos em estado de alerta, podem causar mais impactos ou danos naturais e sociais, e estão dentro da escala de tempo de vida humana.” (UNESP, 2011, p.44)

Onde quer que as pessoas estejam, observando e vivenciando a cidade, são afetadas por essa coincidência das escalas. Se o espaço tem como objetivo essa vivência, como parques, praças, por exemplo, acentua-se ainda mais essa percepção, mudando a ideia da paisagem de acordo com a hora do dia, temperatura, clima, etc., como por exemplo, em espaços como mirantes.

\*1 <https://viagemeturismo.abril.com.br/cidades/bologna/>. Acessado em 05 de dezembro de 2017

\*2 <https://projeto101paises.com.br/toledo-uma-cidade-medieval/>. Acessado em 18 de dezembro de 2017

## Apresentação do tema

Mas afinal, o que é um mirante?

Segundo o dicionário online Michaelis, é uma “construção pequena mas elevada, de onde se vislumbram amplas perspectivas.”

Locais com tais características já eram valorizados em antigas citações sobre guerras, por possuírem insolação e ampla visão sobre o território abaixo, como citado em A Arte da Guerra: “Portanto, levará vantagem aquele que primeiro ocupar um nível mais alto do lado ensolarado [...]” (BUSHIDÔ, 2006, p.105)

Mas será que todos têm que ser elevados? E construídos?

(Os miradouros) [...] podem ser locais afectos a um olhar contemplativo. Mirar pode ser algo mais do que o simples observar, podemos olhar de um outro modo pressupondo uma análise, meditação, admiração ou mesmo uma vigia. [...] O miradouro é então um dos lugares onde se conhece e reconhece a paisagem e, ainda que por vezes sem nada construir, é um dos locais onde se processa o nosso encontro (talvez contemplativo) com o mundo. (RODRIGUES 2009, p. 123 e 124)

Lembremos dos percursos feitos em viagens a passeio. Das trilhas, das paradas na estrada para observar uma bela vista, das cachoeiras e vistas incríveis.

Agora pensemos em cidades. Nas orlas, nos terraços dos edifícios, nas montanhas, parques. Eles também não proporcionam amplas perspectivas, amplas paisagens?

E será que para perceber o entorno de forma integral basta só olhá-lo?

O entorno é percebido por todos os sentidos, com seus cheiros, texturas, visualizações e gostos. Logo, só é realmente vivenciado com o caminhar, o presenciar e o desfrutar.

Ao redor do mundo encontramos muitos espaços que proporcionam amplas perspectivas e são consolidados através de diferentes estruturas, tendo arquiteturas simples, complexas, turísticas, monumentais, entre outras. Alguns exemplos são:



Pas Dans Le Vide, Los Alpes, França.



Skywalk da Torre de Blackpool, Reino Unido.



Torre de Sidney, Austrália.



Hotel Capsula, Peru.

## Apresentação do tema



Vista da Wals cervejaria, Belo Horizonte, MG.



Vista do restaurante Kraftwerk, Joaçaba, SC.



Cristo Redentor, Rio de Janeiro, RJ.



Castelo de Egeskov, Funen, Dinamarca.



Castelo do Drácula, Bran, Romênia.



Seiganto-ji, Wakayama, Japão.



Kinkaku-ji, Kyoto, Japão.



Vista do Duomo, Milão, Itália.

## Apresentação do tema



Sagrada Família, Barcelona, Espanha.



Igreja Nossa Senhora das Mercês, Ouro Preto, MG.



Beira Mar, Florianópolis, SC.



Rampa de vôo livre, Gávea, Rio de Janeiro.



Piazza Spagna, Roma, Itália.



Passadiço do Paiva, Arouca, Portugal.

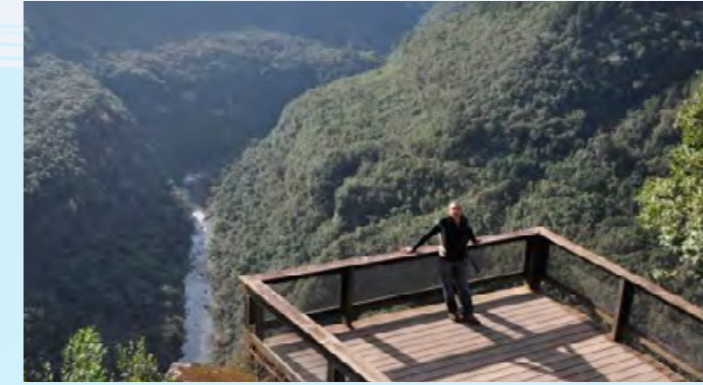


Fortaleza de Santa Cruz da Barra, Niterói, RJ.



Escada temporária, 2016, Rotterdam, Holanda.

## Apresentação do tema



Parque Da Ferradura, Canela, RS \*<sup>9</sup>



Serra do Rio do Rastro \*<sup>10</sup>

## Experiência e os 6 sentidos

“O sujeito é ser-no-mundo, isto é, nem há mundo sem sujeito, nem sujeito sem mundo.” (Heidegger, 1927, citado por Adlai Ralph Detoni, 2001)

A nossa vista pode ser direcionada de acordo com a paisagem. Construída ou não, modificada ou não, tendemos a buscar relações com as nossas vivências, mesmo que involuntariamente. Seja no dia a dia ou em algum lugar específico para observá-la, prestamos mais ou menos atenção em pontos subjetivos da paisagem.

Uma criança não a vê com os mesmos olhos que um adolescente, que por sua vez percebe o entorno diferentemente de um adulto ou um idoso.

Assim como um paisagista presta atenção em alguns detalhes que para um advogado passam despercebidos. Logo, ela se altera de acordo com as aspirações e experiências vivenciadas.

Nem mesmo as percepções da mesma pessoa em uma mesma época da vida, experimentadas em dois dias diferentes, são exatamente iguais. As condições climáticas influenciam, o cantar dos pássaros que em um dia estão mais presentes do que em outros, o calor, frio, inverno, verão, folhagens, odores, texturas, umidade, luz ou a sua ausência. Somos remetidos, novamente, aos ciclos. Cada elemento altera a percepção individual e altera-se de maneira tão intensa e constante, que é difícil definir de maneira racional, ainda que divisões como a geometria fractal façam isso com elementos em constante mudança.

Nesse processo estão envolvidos todos os sentidos. A visão, que limita a abrangência da contemplação pelo campo visual (uma questão fisiológica); a audição que não filtra e não encontra limites, se não os físicos impostos principalmente pelo entorno, assim como o olfato; o tato que é um dos mais limitados, sendo possível até onde nossos braços, pernas alcancem ou sejam alcançados fisicamente; e o paladar, que é mais ou menos instigado de acordo com a atividade desenvolvida enquanto se observa. Este é ativado, além de gastronomicamente, de forma indireta, com os cheiros ou lembranças que nosso corpo traz de outras experiências, que parecem se manifestar, por vezes, através de gostos.

Podemos encontrar na maioria das descrições anteriores a influência de um sexto sentido, o da memória, que altera todos os outros.

Em *The Experience of Nature*, encontramos um argumento que enfatiza a influência do entorno nas experiências e vice versa: “Human functioning depends on information. Much of this information is provided by the immediate environment. There are signs, both verbal [such as a street name] and nonverbal [such as a doorbell], that provide guidance to behavior” (KAPLAN, R., & KAPLAN, S. 1989, p.3).

Apesar dos espaços serem inúmeros e difíceis de quantificar, foi criada uma classificação para encontrar características em comum entre espaços de apreciação do entorno e, assim, dividi-los em grupos.

Algumas características são mais objetivas (cores frias) e outras menos (cores quentes). Assim, os tópicos utilizados para isso, foram:

\*<sup>9</sup> <http://www.skyscrapercity.com>, em Setembro 2017

\*<sup>10</sup> <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2016/05/rodovia-da-serra-do-rio-do-rastro-acumula-4-deslizamentos-em-2016.html>, em Setembro 2017



# Classificação

## Estímulos sensoriais :

São elementos do entorno que influenciam na experiência individual. São muitas vezes subjetivos e mudam constantemente, pois dependem de diversos fatores mutáveis.

Podem ser cheiros bons ou ruins; umidade; presença ou ausência de luz; vento; sons (homogêneos - como o vento nas folhas das árvores, o barulho de uma queda d'água, a fauna-; heterogêneos - ruídos urbanos, conversas de pessoas, presença de muitos animais diferentes -; altos ou baixos; de qualidade boa ou ruim).

## Sentimentos:

São subjetivos. Dependem de experiências pessoais, estados de ânimo e do que o ambiente ou a estrutura do local afetam no usuário. Um bom exemplo é um chão de vidro, que pode trazer curiosidade para uma pessoa ou muito medo para outra. Ou também uma rampa de voo de parapente ou asa delta, que pode trazer liberdade e satisfação para uns e medo e angústia para outros.

Podem ser divididos em descoberta - geralmente quando não se espera a experiência. Um caminho urbano que ao chegar no topo de um morro proporcione uma vista rural, por exemplo-; relaxamento; medo; agonia -muitas vezes causada pelo medo ou por aglomerados de pessoas ou ruídos-; stress -um lugar turístico com muitas filas, pessoas, por exemplo.

“Perception is the process in which information is derived through senses, organized and interpreted. It is an active process which takes place between the organism and environment. Perception is assumed to be oriented.” (Hilgard, 1951 in R. Kaplan & S. Kaplan, 1978).

## Paisagem:

Depende do entorno e seus elementos naturais ou não. É menos subjetiva do que os itens anteriores.

Pode ser contínua -com poucos elementos verticais que a delimitem. Como por exemplo, o horizonte visto de uma praia sem muitos morros ou ilhas na frente, uma grande área de vegetação rasteira, etc.-; delimitada -com elementos verticais que formem “paredes” visuais-; homogênea ou heterogênea -se possui muitos elementos parecidos ou não, como uma paisagem formada por montanhas com cobertura vegetal uniforme ou uma cidade com diversos componentes diferentes.

## Elementos:

Refere-se ao que está presente na paisagem, independentemente do que proporciona ao usuário.

Se possui quantidade em destaque de fauna, flora, água. Se é perceptível o tipo de relevo, acidentado ou não e se tem a presença de muitos edifícios.

## Altura:

Trata-se do lugar de observação. Segundo Antonio Paulo Faria, 2013, montanhas baixas são de 300m a 1000m, médias de 1000m a 3000m e acima disso são altas. Portanto, se considerarmos que no Brasil o ponto mais alto é o Pico da Neblina, com 2.994m (IBGE), não temos montanhas altas no país. Porém, se tomarmos como base o que é alto para nossas percepções, teremos conclusões diferentes dependendo dos referenciais. Sendo assim, para estudo geral, será considerada a classificação já apresentada. Para casos brasileiros, será um lugar alto se este for acima de 100m (a partir de onde temos, por normas brasileiras, áreas de preservação permanentes); médio de 31m a 99m; e baixo até 30m.

## Tipos:

Referente à destinação, característica ou uso do local.

Gastronômico -restaurantes, bares, que proporcionem uma vista ampla de uma paisagem-, histórico -que não foram construídos necessariamente para ser de apreciação. Muitas vezes a localização é por motivos estratégicos na época do seu planejamento. São exemplos castelos, fortes -; religiosos -igrejas, templos-; de


















# Classificação

aventura - hotéis que precisam de escalada para chegar, torres que o atrativo principal é a atividade de aventura-; hoteleiro; monumental -que a estrutura do local de observação seja conhecida, além da vista, por um monumento - Por exemplo, o Cristo Redentor, as Pirâmides do Egito, o buda Tian Tan em Hong Kong na China -; Percursos - Podem levar de um lugar ao outro ou não. Estradas com amplas perspectivas, caminhos de pedestres, passarelas-; Pontes - Geralmente o local de origem e o de destino são diferentes-; Passarelas - Podem ser um tipo de percurso ou não, quando são circulares, por exemplo; Escadas - Um tipo de percurso de pedestre-; Orlas; Naturais -quando o local é um mirante natural, sem ser propositalmente construído. Como por exemplo, pontos de paradas em trilhas; Atividade secundária -Locais com amplas vistas decorrentes de outra função. Rampas de voo que precisam ter certa altitude, com visualização livre de obstáculos. Podem também ser restaurantes em represas, que ficam no alto para não sofrer ou influenciar no fluxo de água-; Urbano -Que fique dentro de cidades. Geralmente não possui o objetivo de descanso pelo contexto em que está.

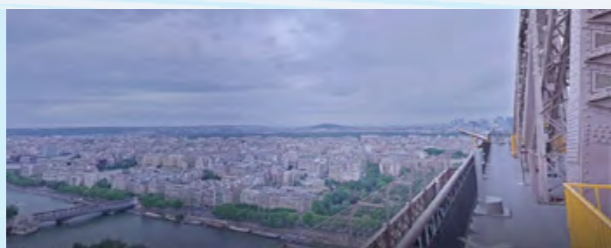
## Estrutura

Referente à estrutura do local. Se é destacada do entorno ou não; Se é uma estrutura simples ou complexa na sua concepção.

Abaixo, são representados os ícones que representam essas classificações:

Estímulos sensoriais	  Qualidade odores	 Umidade	  Presença e ausência luz		
	 Vento	  Som homogêneo e heterogêneo			
	  Intensidade som	  Qualidade som			
Sentimentos	 Descoberta	 Relaxamento	 Medo	 Agonia	 Stress
Paisagem	 Contínua	 Delimitada	 Homogênea	 Heterogênea	
Elementos	 Fauna	 Flora	 Água	 Relevo acidentado e plano	 Edifícios
Altura	 Alto (100m para cima)	 Médio (31m a 99m)	 Baixo (0m a 30m)		
Tipos	 Gastronômico	 Histórico	 Religioso	 Aventura	 Hoteleiro
	 Monumental	 Percursos	 Pontes	 Passarelas	 Escadas
	 Orlas	 Naturais	 Ativ.secund	 Urbano	
Estrutura	 Destacada	 Mimetizada	 Simples	 Complexa	

## Exemplo geral



Torre Eiffel, Paris, França \*1

Estímulos sensoriais



Sentimentos



Paisagem



Elementos



Altura



Tipos



Estrutura



## Aplicação em Florianópolis

É dessa percepção que carece o morador da cidade de Florianópolis.

Com o desenvolvimento oriundo de uma ocupação desordenada, primeiramente na área continental e posteriormente na insular da cidade, direcionada por interesses da classe dominante, o caminhar, observar e sentir a cidade tornaram-se menos constantes. Através de rotas rápidas, rodovias, viadutos, ocupações de áreas de preservação, saturação de edificações nas margens das praias, grandes deslocamentos a trabalho, o ir e vir tornaram-se mais comuns do que o permanecer.

As consequências desse processo são de uma cidade litorânea que aproveita muito pouco as margens das suas praias (ou quase nada, se comparado às cidades com águas limpas e investimento urbano nas orlas); que possui sinalização de água poluída em muitos balneários no inverno, que se “transforma” em própria para banho no verão; uma cidade litorânea com índices baixos de atendimento da população à rede de esgoto (Em 2012 o Instituto Trata Brasil fez um levantamento, com base no SNIS - Sistema Nacional de Informação sobre Saneamento - e já naquele ano 89 das 100 maiores cidades do país tinham sistema de esgoto que atendia à mais de 80% da população. Enquanto isso, em 2017 a cidade de Florianópolis possui só 51,6 % da população atendida por esse sistema (dados do site da CASAN, com base nos critérios do SNIS, acessado em agosto de 2017)).

Como citado em *Arte pública e paisagem urbana de Florianópolis, SC, Brasil*, é uma “Cidade de vistas panorâmicas espetaculares, apresenta uma rápida descaracterização de referenciais paisagísticos, que a está esvaziando de significados. Sua apropriação, de maneira devastadora, pelo forte mercado imobiliário, está ajudando a destruir sua geografia e paisagem natural.” (GRAD 2007, p.)

Sendo assim, mesmo nos bairros próximos às praias, a maioria dos moradores não usufrui da sua visualização desde a rua, precisando caminhar na areia para tal. Mesmo em ruas paralelas à estas, a preferência é majoritariamente para o sistema rodoviário, sem privilégio do pedestre ou ciclista. Logo, a praia e áreas de preservação das margens são ignoradas, visitadas em grande maioria pelos turistas que frequentam na alta temporada ou pelos donos das casas que ali se localizam, mas muitas vezes, ficam fechadas fora do verão.

\*1 Google Maps. Acessado em dezembro de 2017

## Aplicação em Florianópolis

A falta de integração das praias ao cotidiano, aliada ao crescimento desorganizado e ilegal nas áreas de preservação - que tornam estas também desprovidas da valorização e aproveitamento devidos - faz com que sejam poluídas e desmatadas cada vez mais áreas naturais, além de aumentar a carência por espaços livres, públicos, seguros e de qualidade.

Surge assim, a ideia de aproveitamento da topografia acidentada e das áreas de preservação ainda existentes, para a criação de mirantes, que impactem o mínimo possível na natureza e possam ser usados pela população local em todo o ano. Com isso vivencia-se a cidade, aliando o caminhar do corpo que precisa alcançar esses lugares, muitas vezes a pé ou meios coletivos de deslocamento, ao caminhar do olhar em espaços de lazer.

Com materiais leves e permeáveis, que ocupem pouco o solo, mas ao mesmo tempo resistentes às intempéries, tanto os moradores locais como os visitantes podem apreciar o seu bairro, o entorno, a natureza em qualquer estação do ano.

Busca-se assim, através dessa alternativa unida a um plano diretor condizente com o entorno e à preservação da natureza, aumentar o olhar para as belezas naturais da cidade, contribuindo para a conscientização ambiental e para a convivência em comunidade em espaços adequados, diferentes dos sofás colocados em terrenos baldios como acontece atualmente ou dos jardins de postos de saúde que tornam-se, informalmente, espaços de jogos no período noturno, quando estão de portas fechadas, ou das quadras improvisadas no aterro da Beira Mar Norte.



Criança jogando bola no Centro de saúde da Cachoeira do Bom Jesus, em período noturno, quando está fechado. \*1



Sem espaço próprio para jogar futebol, grupos se apropriam do aterro de Florianópolis e colocam estrutura de gol para praticar a atividade. \*2

Esses espaços propícios à convivência, permanência, entretenimento e que colaboram para um olhar ampliado para as belezas naturais de Florianópolis, serão estudados dentro de percursos, que são como transições.

Transições de um espaço para outro, de situações diferentes, de usos urbanos para naturais/rurais, de loteamentos regulares para irregulares. E isso misturado e variando de acordo com o local.

Serão percursos como peregrinações, onde se desfruta o caminho, na maioria das vezes, com uma intenção de destino.

“Peregrinação” é também um substantivo, mas um substantivo que implica uma ação, assim como os verbos. As pessoas *fazem* uma peregrinação, uma busca, passando por sacrifícios (...); é o preço que se deve pagar para alcançar um objetivo.” (MOORE, Charles W. et al., 1988, p.139)

\*1 Acervo próprio

\*2 Acervo próprio

# Peregrinações em Florianópolis

As peregrinações, ou percursos de Florianópolis, são inúmeros. Seja através de caminhos por estradas ou não, os trajetos de deslocamento ou de diversão estão presentes em praticamente toda a ilha. Onde não se tem estrada, tem-se trajetos em meio à vegetação, denominados trilhas.

Estas estão ora próximas à infraestrutura, sendo perto de aglomerações, como no caso do Morro da Cruz, Trilha para a cachoeira do Poção, ora mais afastados, como no caso da Trilha da Lagoinha do Leste, praia distante de infraestrutura no sudeste da ilha.

São também, ora trajetos históricos, como acontece no Centro da Cidade, com construções como a Catedral, antiga Casa de Câmara e Cadeia, Praça XV, edificações de estilos coloniais, ecléticos, decós, etc. (Ou até mesmo alguns lugares que foram passagens de tropas para recepção de visitas ilustres na cidade, como o Caminho do Rei, na Cachoeira do Bom Jesus) ou caminhos que tiveram que ser abertos para conectar bairros (como no caso da estrada do Morro da Lagoa da Conceição, SC 401, etc.).

Sendo assim, as paisagens são muito diversificadas. Em alguns momentos são de dunas, mar, cidade, vegetação densa. O que faz com que os usuários tenham sensações variadas, dependendo do motivo que fazem os percursos, do local onde se encontram ou para onde vão.

Formam-se, portanto, em diversos momentos, mirantes, para observar tais mudanças ou paisagens pontuais que mereçam destaques. Por vezes esses mirantes são propositais e construídos. Outros, são somente locais sem interrupções da vista, sem construção e sem essa denominação.

Foram portanto, agrupados alguns pontos de interesse, que marcam perspectivas, sendo construídos ou não para isso. Entre eles, são marcados os percursos, definidos por proximidade.

O percurso 1 passa pela praia da Lagoinha do Norte, Praia Brava, Cachoeira do Bom Jesus e Ingleses. Seu tempo de deslocamento é de 1 hora e 47 minutos.

O percurso 2 passa entre Praia de Canajurê, Jurerê, Praia do Forte e Daniela (o caminho que une os dois últimos já existe e é uma alternativa ao trânsito, sendo de 15 minutos), sendo de aproximadamente 1 hora e 35 minutos.

O percurso 3, que une Rio Vermelho, Lagoa da Conceição, Barra da Lagoa e Praia da Galheta é de aproximadamente 2 horas.

O caminho 4, abrange a porção central da cidade, com pontos importantes historicamente. Este é de, aproximadamente, 2 horas.

O 5 integra, juntamente com o 3, parte do leste da Ilha. Fazem parte os mirantes da Lagoa, Rampa de voo do mesmo bairro e Mirante da Praia Mole. Este é de, aproximadamente, 2 horas e 15 minutos.

O 6 representa o começo da porção sul da cidade. Abrange as Dunas do Campeche e o Mirante, já construído, do Morro das Pedras. É em torno de 1 hora.

O 7 é a trilha, já existente, da Lagoinha do Leste. Ela tem duas opções de percurso, porém, a mais longa, de 7 km, é de aproximadamente, 3 horas.<sup>\*1</sup> Assim como a 8, Trilha de Naufragados.

Se buscarmos unir alguns dos caminhos destacados, dificilmente teremos percursos fáceis de se fazer em um dia comum e sem preparo. Porém, estes são interessantes, por proporcionarem vistas diferentes que mostram ocupações próprias de cada lugar, paisagens naturais, velocidades que se alteram, histórias únicas. Dão-nos assim, uma rede que conecta praticamente toda a cidade.

Por exemplo, do caminho 1 ao 3, ligando o bairro dos Ingleses à Praia da Galheta, percorrem-se 5 horas e 30 minutos, aproximadamente.

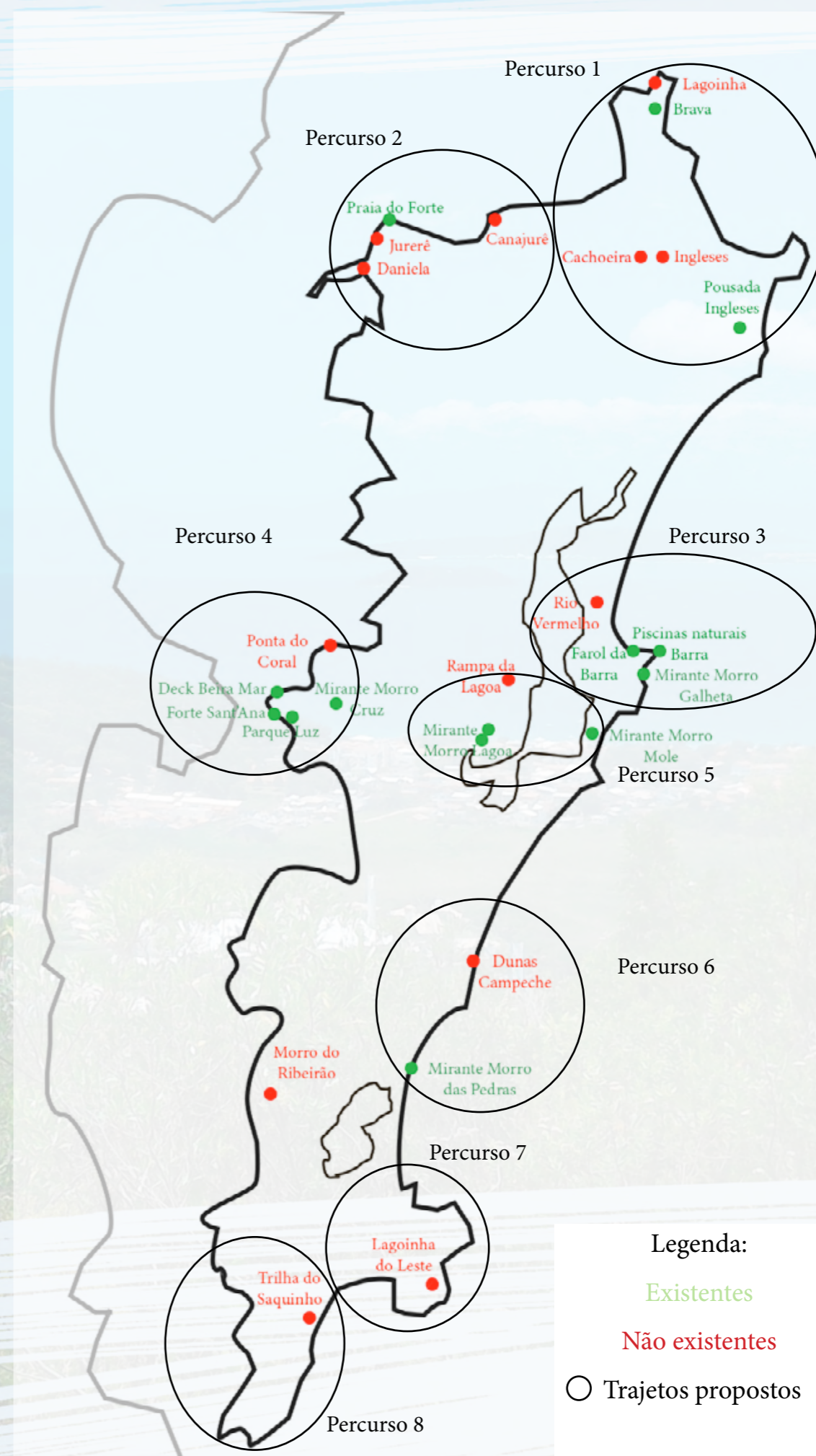
Do 3 ao 4 (Camping do Rio Vermelho ao Forte Sant'ana), são aproximadamente 2 horas e 30 minutos.

Do 4 ao começo do 5 (Forte Sant'ana à Lagoa da Conceição), temos 4 horas de percurso, aproximadamente.

Se percorridos os caminho 5 e 6 juntos (Praia Mole ao Mirante do Morro das Pedras), serão, em média, 6 horas de trajeto.

<sup>\*1</sup> <https://www.viagemeviagens.com/2013/trilhas-pela-ilha-da-magia-lagoinha-do-leste/>. Acessado em maio de 2018.

\* Informações de tempo de deslocamento do Google Maps, acessado em maio de 2018.



## Referências

São incontáveis os casos em que caminhos levam a vistas abrangentes e que mostram história dos lugares. Sejam eles escadas, caminhos com estradas, sem estrada, para turismo ou para deslocamentos funcionais, de passeios casuais ou rotineiros.

Em alguns casos, estes são rotas de agências de turismo, que planejam pacotes de viagem diversificados. Alguns abrangem além das suas visitas, estadias e alimentações incluídas.

Já os funcionais, correm muitas vezes o risco de terem automóveis em altas velocidades ou não darem ênfase para o que tem ao redor e acabam sem o devido reconhecimento. Oferecer infraestrutura para que o entorno seja valorizado e desfrutado, pode ser um meio de evitar isso.

Muitos fatores influem na velocidade do caminhar: a qualidade do percurso, a superfície, a quantidade de pessoas, a idade e a mobilidade do pedestre. O projeto também tem o seu papel. Os pedestres normalmente andam mais rápido em ruas que convidam ao movimento linear, ao passo que seu ritmo cai quando atravessam praças. (GEHL 2010, p. 120)



Trilha que leva ao campo base do Everest. No Nepal, muitos deslocamentos necessários são por trilhas. \*<sup>1</sup>



Escada que leva a um dos templos de Nangkor, em Camboja. \*<sup>2</sup>



Trilha no Instituto Inhotim, MG. Único caminho para quem deseja chegar a um dos pavilhões. \*<sup>3</sup>



Trecho de *Twelve Apostles*, na Austrália, onde localiza-se o estacionamento e um acesso próximo ao mar. \*<sup>4</sup>

## Comparação

No caso da cidade de Florianópolis, alguns dos caminhos também possuem importância histórica.

O Caminho do Rei, por exemplo, era usado pelos moradores do Norte da Ilha durante romaria a pé e a cavalo para receber a comitiva imperial, em visita a freguesia de Canasvieiras em 1845 (ROSA, 2016).

Mas comumente utilizado, no período da pós colonização e no começo do século, pelos moradores locais (pescadores, lavadeiras, agricultores) para fazer a travessia da Cachoeira do Bom Jesus para Praia Brava (a pé, cavalo e carro de boi), a fim de visitar familiares, amigos, fazer negócios, entre outros, atualmente esta trilha é utilizada por caminhantes, motoqueiros, Jipeiros e motain bikers, para praticar esportes radicais ou simplesmente apreciar o belo visual panorâmico do alto da crista do morro que abrange Canasvieiras, Cachoeira do Bom Jesus, Ponta das Canas, Lagoinha de Ponta das Canas, Praia Brava, Ingleses e Santinho.\*<sup>5</sup>

Existem também caminhos que são rotas de turistas (em geral os que possuem mais infraestrutura e são próximos às praias e bairros procurados por eles, principalmente no verão) e outros de peregrinação (no sentido literal da palavra), como os que fazem parte da rota da Compostela do Brasil (na Barra da Lagoa, por exemplo).

Os funcionais, de passagem, também estão presentes e muitos possuem visuais deslumbrantes. É o caso do morro da Lagoa, que conta com pontos de paradas e que é um trajeto turístico, porém, quando usado por pessoas que fazem o trajeto constantemente, pode tornar-se comum e perder parte do reconhecimento.

Tais percursos estão muito presentes no Norte da Ilha de Florianópolis, onde a ocupação fez com que em diversos locais a praia e natureza não fossem alcançados pela vista durante o deslocamento. Com edificações nas margens das praias e os caminhos de pedestres e veículos passando atrás destas, é necessário buscar a natureza e deslocar-se para locais que permitam que o olhar alcance.

Enquanto esta não estiver mesclada com o deslocamento e funcionalidade, será difícil barrar ocupações desordenadas, descaso, plantações de espécies não nativas, por exemplo, já que não serão percebidos e não farão parte do cotidiano da população.

Por ter convivido nessa região da cidade e percebido a falta de interesse da população pelo que acontece com o seu entorno, foi feito um levantamento de locais que poderiam ser usados para incentivar a permanência e visualização do entorno. Tais locais são espaços vazios, próximos às ocupações, porém, que permitem que se tenha uma vista ampla do entorno.

Será que não seria esse tipo de espaço o ideal para suprir a necessidade de espaços públicos de qualidade em algumas porções da cidade, onde a vegetação esteja presente e precise ser observada para ser cuidada? Isso não justificaria uma unidade de conservação, como já acontece em diversos outros lugares de ilha com essas características?

A seguir são apresentados alguns desses locais, com percepções pessoais sobre o que o espaço proporciona ou possui.

\*<sup>1</sup> Folha online. Foto retirada do site *passaporte aberto*. Acessado em 26/02/2018

\*<sup>2</sup> iPartiu. Acessado em 26/02/2018

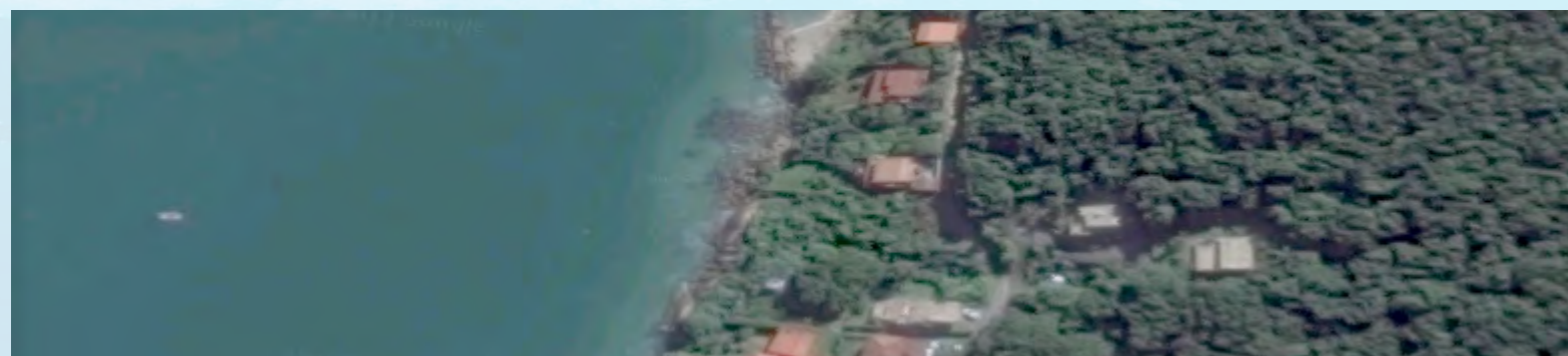
\*<sup>3</sup> Acervo próprio

\*<sup>4</sup> Google Maps. Acessado em 14/03/2018

\*<sup>5</sup> <https://www.trilhasetravessias.floripa.br/single-post/2017/01/19/Trilha-Caminho-do-Rei>. Acessado em 26/03/2018

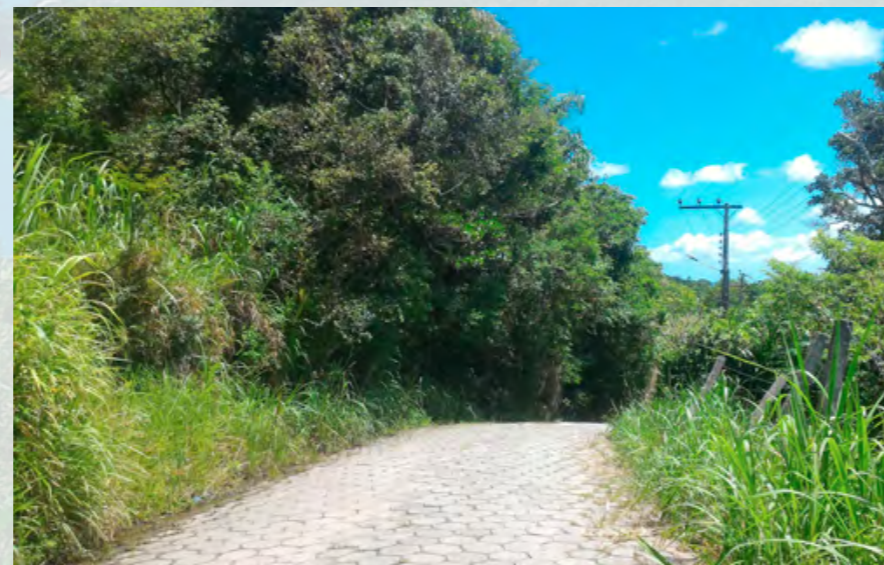
## 1 - Lagoinha do Norte

- Estímulos sensoriais:
- Sentimentos:
- Paisagem:
- Elementos:
- Altura:
- Tipos:
- Estrutura:

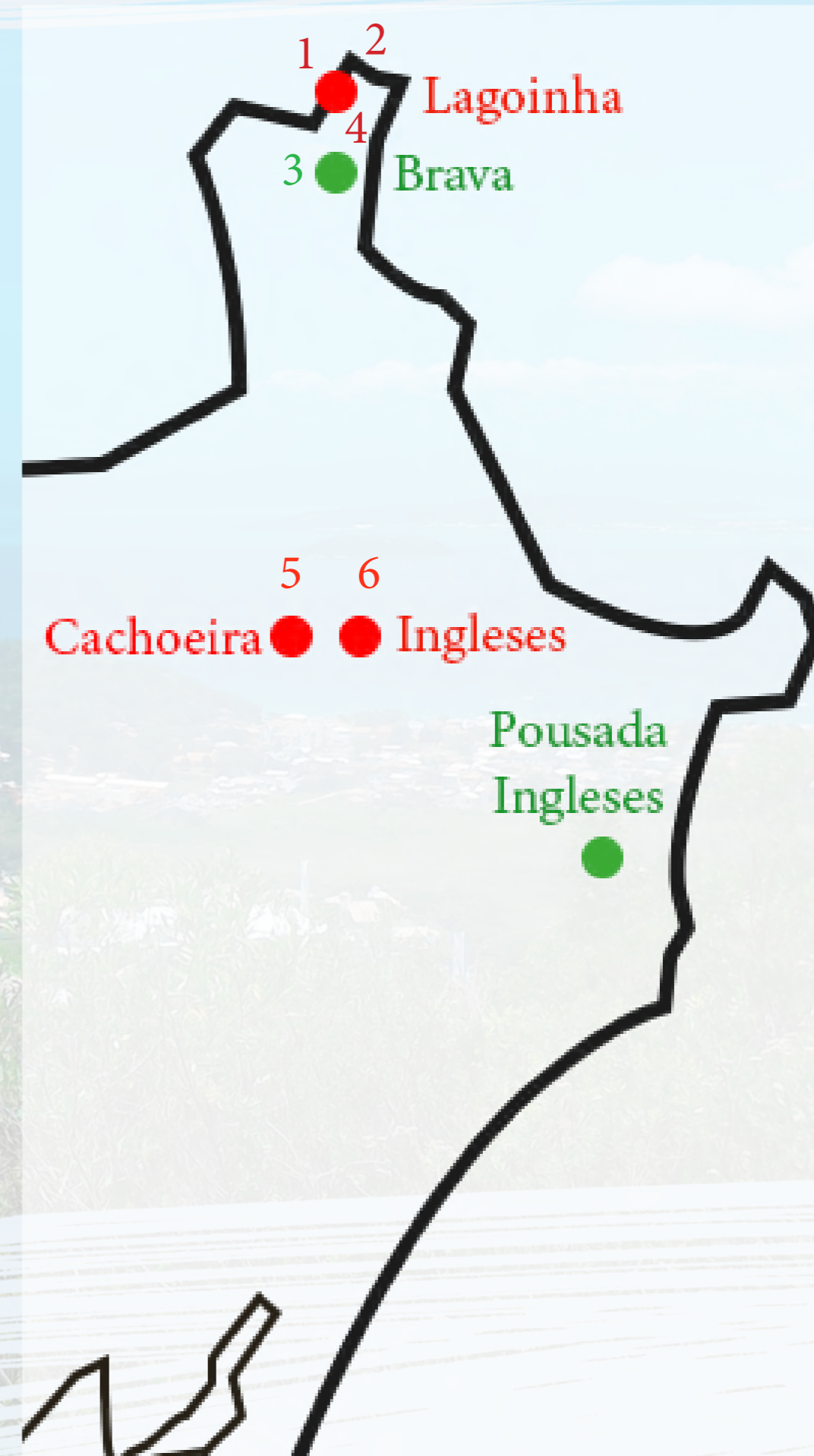


## 2 - Lagoinha do Norte

- Estímulos sensoriais:
- Sentimentos:
- Paisagem:
- Elementos:
- Altura:
- Tipos:
- Estrutura:



## Percepções pessoais dos pontos de interesse



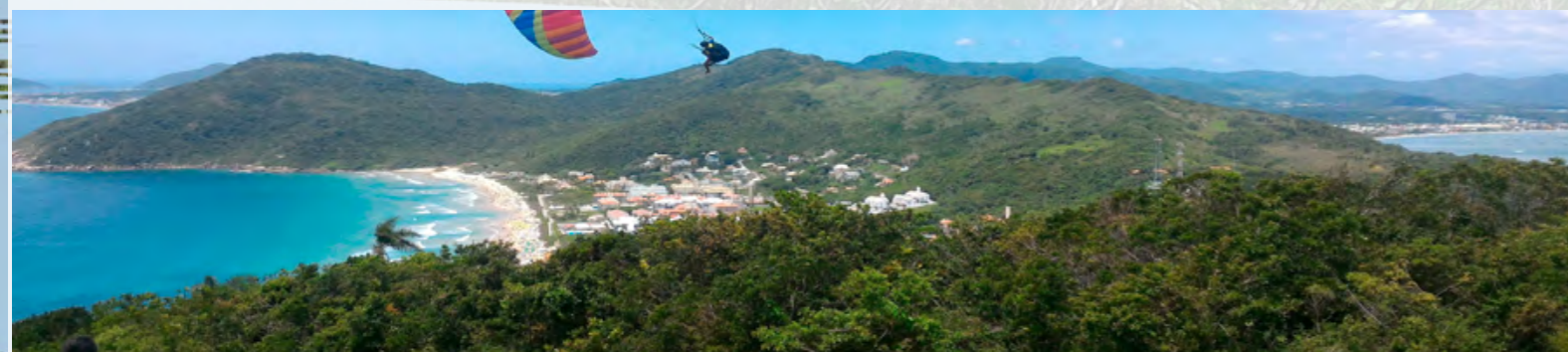
### 3 - Praia Brava

- Sensações
- Sentimentos
- Paisagem
- Elementos
- Altura
- Tipos
- Estrutura

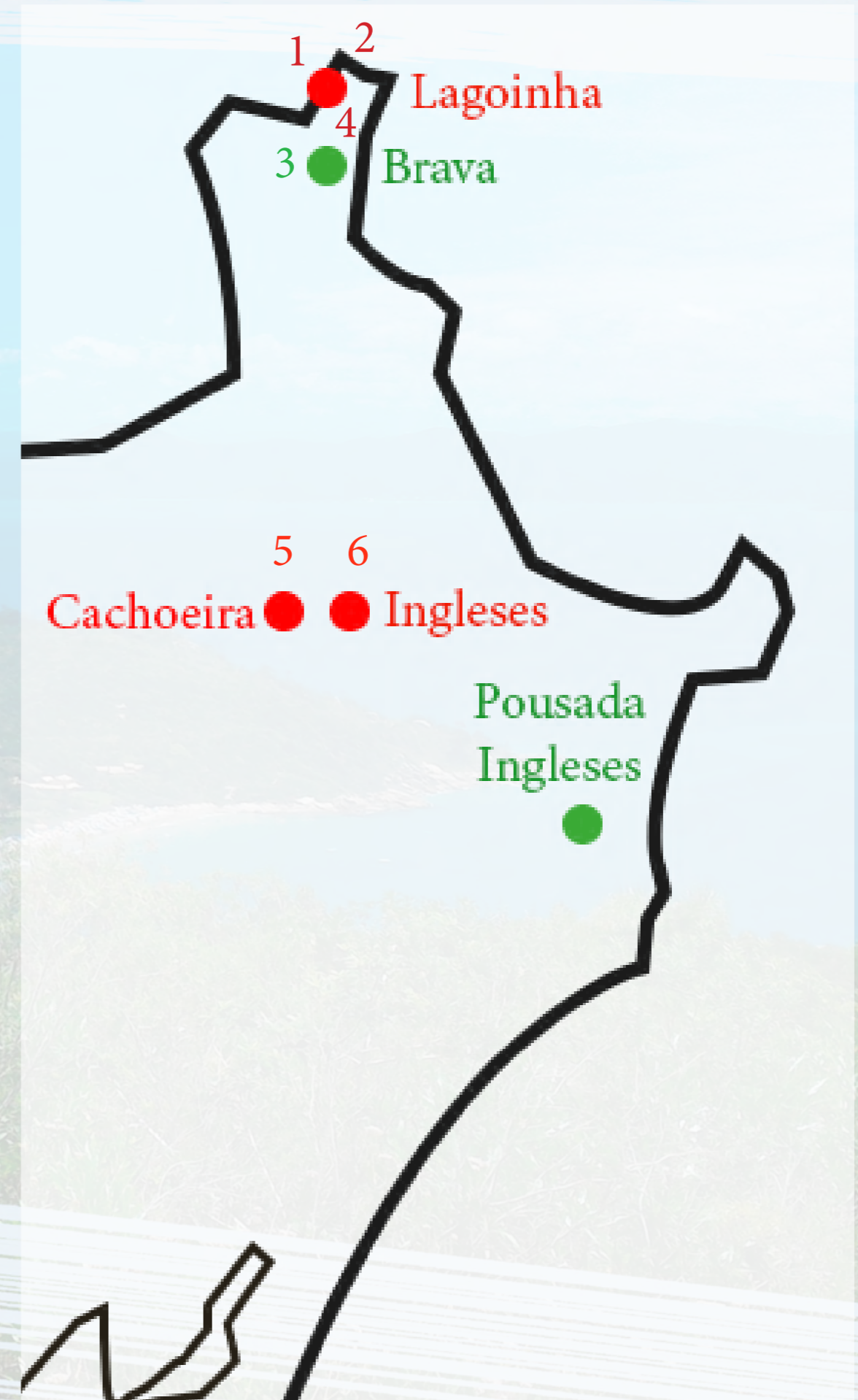


### 4 - Praia Brava

- Sensações
- Sentimentos
- Paisagem
- Elementos
- Altura
- Tipos
- Estrutura



## Percepções pessoais dos pontos de interesse



## 5- Cachoeira do Bom Jesus

Estímulos sensoriais

Sentimentos

Paisagem

Elementos

Altura

Tipos

Estrutura



## 6 - Ingleses

Estímulos sensoriais

Sentimentos

Paisagem

Elementos

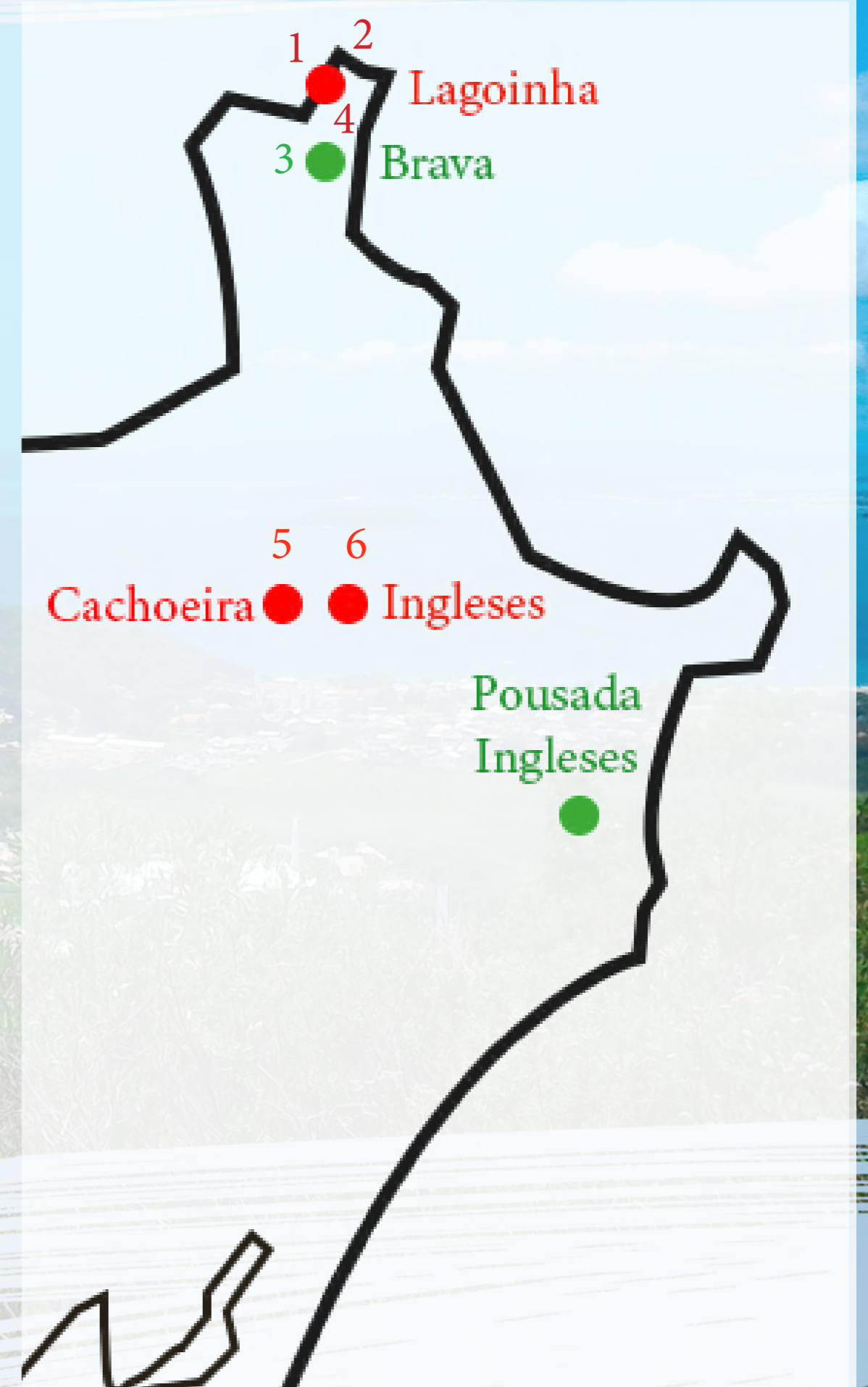
Altura

Tipos

Estrutura



## Percepções pessoais dos pontos de interesse



# Percursos de trilhas do Norte da Ilha

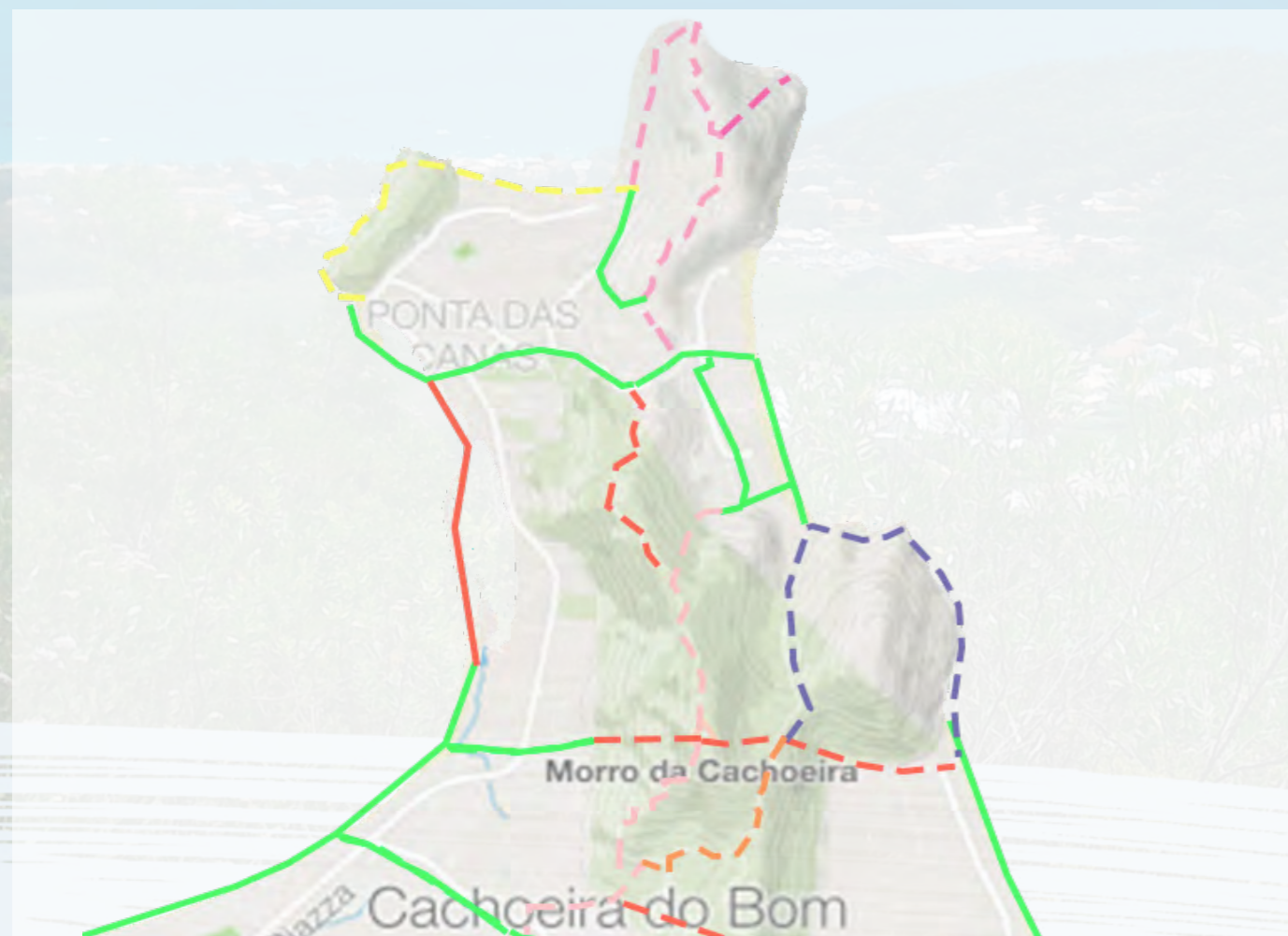
E se esses espaços forem unidos por percursos?

Através de levantamentos do que já existe e o que poderia ser criado, elaborou-se um mapa que engloba esses e outros pontos de interesse (mapa abaixo). Os percursos detachados posteriormente foram os de trilhas, que são modos eficientes de ter a imersão na natureza. Possuindo locais vistos como mirantes, naturais ou não, o entorno é amplamente observado.

Começando de cima para baixo, o caminho em rosa demonstra a Trilha do Churão e a Trilha do Morro da Rapa, saindo pela Praia Brava, passando pela rampa de Parapente, com a chegada na Praia da Lagoinha; passa-se pela praia da Lagoinha e atravessa-se por trilha até a Praia de Ponta das Canas (Trajeto amarelo); O caminho em azul mostra a Trilha da Feiticeira, saindo da Praia Brava e chegando nos Ingleses; Em rosa claro, consta o caminho saindo da Praia Brava, chegando na Cachoeira do Bom Jesus, com intersecção para os Ingleses e podendo ter outro ligando à Praia de Ponta das Canas, fechando assim o percurso do extremo Norte da Ilha de Florianópolis. O caminho pode continuar também por outros pontos, que não constam no mapa.

Os caminhos contam com vegetação alta e baixa, pedras que emolduram a paisagem, pedras alcançáveis só com a visão e outras fisicamente, que formam mirantes, meios de alcançar a água ou somente parar. Contam também com outros elementos naturais, como água e areia e com paisagem urbana que, na maioria dos casos, é de ocupação característica de áreas com praias.

No verão se observa a grande quantidade de pessoas que frequentam as praias, assim como, uma maior quantidade de transeuntes percorrendo o caminho. Aumenta também o número de carros parados tanto em estacionamentos, quando em lugares irregulares.



- \* Caminhos existentes asfaltados ou pela praia
- \* Caminhos propostos

# Percepções de trilhas do Norte da Ilha

Os caminhos, já citados, percorridos nessa região, demonstram o grande potencial paisagístico que a Ilha possui. Com muita vegetação e paisagem incrível, algumas das trilhas são bem definidas e cuidadas pela Prefeitura, após um programa de revitalização e incentivo à educação ambiental, da Floram, denominado Roteiros do Ambiente, através de visitas guiadas \*<sup>1</sup>.

Como disse o morador mais antigo da Rua do Progresso, na Cachoeira do Bom Jesus, sobre a trilha do Caminho do Rei, que liga a Praia Brava ao bairro onde reside, “Ele (o caminho) sempre esteve aí, desde que me conheço por gente. Era passagem de lavadeiras, pescadores, agricultores. Tinha rastro de carros de bois”. (ORIDES, 2016).

Percebem-se também, ocupações mais antigas em áreas de preservação, no começo e final de alguns percursos. A forma urbana é visível do alto, com ruas de traçado irregular, construções em áreas de preservação (principalmente se tomarmos como base planos diretores anteriores ao de 2017), mesmo nas áreas mais urbanizadas.

Ao se estudar a arquitetura da cidade podemos identificar os diversos elementos formadores da paisagem urbana, seus tipos, sua evolução ao longo dos anos, sua composição na forma da cidade, a influência que sofrem da cultura, economia e história, da formação morfológica do sítio urbano em que se inserem, entre outros fatores. (AMORIM, TANGARI. 2006)

Por isso que é percebida a necessidade de levar a população para locais onde essa forma urbana, tipologia de ocupação e natureza sejam notados.

A seguir são apresentadas algumas fotos dos percursos realizados para estudo.



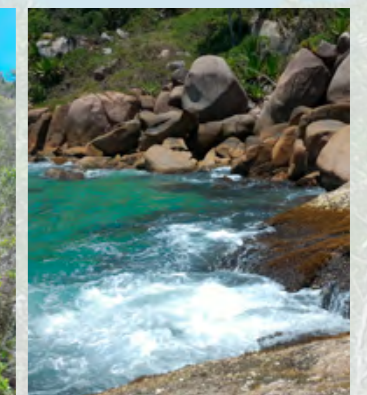
Nota-se a ocupação dos bairros de Canasvieiras, Cachoeira e Praia Brava \*<sup>2</sup>



Trecho próximo à praia da Lagoinha. Placa com falsa propaganda de praia particular \*<sup>3</sup>



Espaços livres de ocupação próximos à praia da Lagoinha \*<sup>4</sup>



Trechos do percurso \*<sup>5</sup>

\*<sup>1</sup> ROSA, Edson; 2016. Disponível no site Notícias do Dia

\*<sup>2</sup> \*<sup>3</sup> \*<sup>4</sup> \*<sup>5</sup> Acervo próprio



## Trilha Cachoeira - Praia Brava

A trilha já citada, do Caminho dos Reis, encontra-se em estado precário, levando a acreditar que o programa de revitalização do governo talvez não tenha atuado ali nesses últimos meses.

Os caminhos mais abertos levam a uma pista de motocross, onde são avistadas as praias dos Ingleses e Santinho. Já o caminho que deveria ser o principal, ligando o bairro da Cachoeira do Bom Jesus à Praia Brava, possui mata muito fechada, com caminho delimitado, porém, em terra, sem tratamento adequado, que o torna de difícil acesso em dias úmidos. Além de ter árvores caídas, galhos no meio do caminho e aranhas na altura do usuário, demonstrando o seu descuido (Imagem 4). Principalmente em dias posteriores a chuvas, encontrá-lo é difícil, precisando muitas vezes de gps e recursos direcionados a trilhas, como aplicativos, por exemplo.

Já na bifurcação, localizada dentro do trajeto, que leva à trilha da Feiticeira, ligando a Cachoeira e a Praia Brava aos Ingleses, a trilha possui cuidado maior, com sinalização, troncos estrategicamente colocados como pontes próximas a cursos de água, vegetação que não invade o caminho e trajeto bem definido (Imagem 2).



Imagem 1 - Caminhos confusos e com poucas aberturas para a paisagem \*<sup>1</sup>



Imagem 2 - Peça do percurso da Trilha da Feiticeira, sinalizada e com infraestrutura \*<sup>2</sup>



Imagem 3 - Trechos do percurso com vegetação e galhos baixos \*<sup>3</sup>



Imagem 4 - Chegada da trilha na Praia Brava e trecho, ainda definido, do percurso Brava-Ingleses pelas pedras \*<sup>4</sup>

\*<sup>1</sup> \*<sup>2</sup> \*<sup>3</sup> \*<sup>4</sup> Acervo próprio

## Trilha Cachoeira - Praia Brava



Percurso da trilha com demarcação dos pontos das fotos. \*<sup>1</sup>

\*<sup>1</sup> \*<sup>2</sup> \*<sup>3</sup> \*<sup>4</sup> \*<sup>5</sup> Acervo próprio

# Diretrizes para a trilha Cachoeira - Praia Brava

Os percursos terão o objetivo de conectar os ambientes de permanência, de forma prazerosa e agradável. Serão tratados de acordo com a proposta de uso e público, levando em conta o lugar onde estão inseridos e o que o entorno sugere, sendo por vezes, transições entre o construído e o natural e vice versa.

Serão ora facilmente acessíveis, ora percursos com graus variados de aventura, fazendo com que apesar de poder escolher até onde ir, os usuários vivenciem diversos tipos de infraestrutura, desde a mais alterada pelo homem até a mais natural.

Abrangerão, além de diversos relevos e características geográficas, uma gama diversificada de público.

Nos caminhos existentes, as mudanças para que sejam atingidos tais objetivos, são basicamente melhorias como drenagem e caminhos mais abertos e planejados, ligações entre eles, formando percursos, espaços adequados de permanência, sinalização em locais estratégicos e com conteúdos objetivos.



“ (...) o menor é o marcador de km, que se desdobra em um assento.” \*1



O painel metálico em forma de L se presta a ter informações de ambos os lados, o lado estreito sendo usado para o mapa de todo o parque. \*2



Para percursos mais íngremes, vale a pena, muitas vezes, tangenciar uma escada com proteção. \*3



Para caminhos de motocross e bicicletas, é interessante que hajam desníveis e curvas. \*4

\*1 e \*2 Disponível em <https://ndga.wordpress.com/2014/04/09/sinalizacao-parque-riu-llobregat/>. Acessado em março de 2018.

\*3 <https://www.flickr.com/photos/chenroom/5557439805/in/set-72157622633296548>. Acessado em março, 2018

\*4 Disponível em <https://br.pinterest.com/pin/430586414366557977/>. Acessado em março de 2018

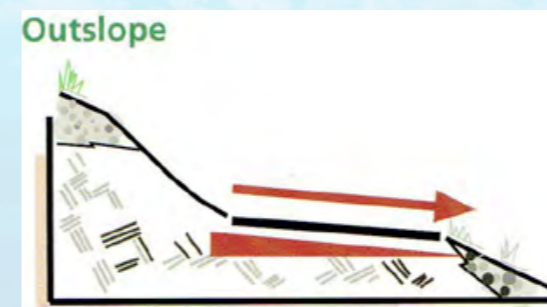
# Diretrizes para a trilha Cachoeira - Praia Brava



Aumentar visibilidade do entorno, principalmente nas curvas, é um modo de sair da monotonia dos caminhos fechados por vegetação. \*1



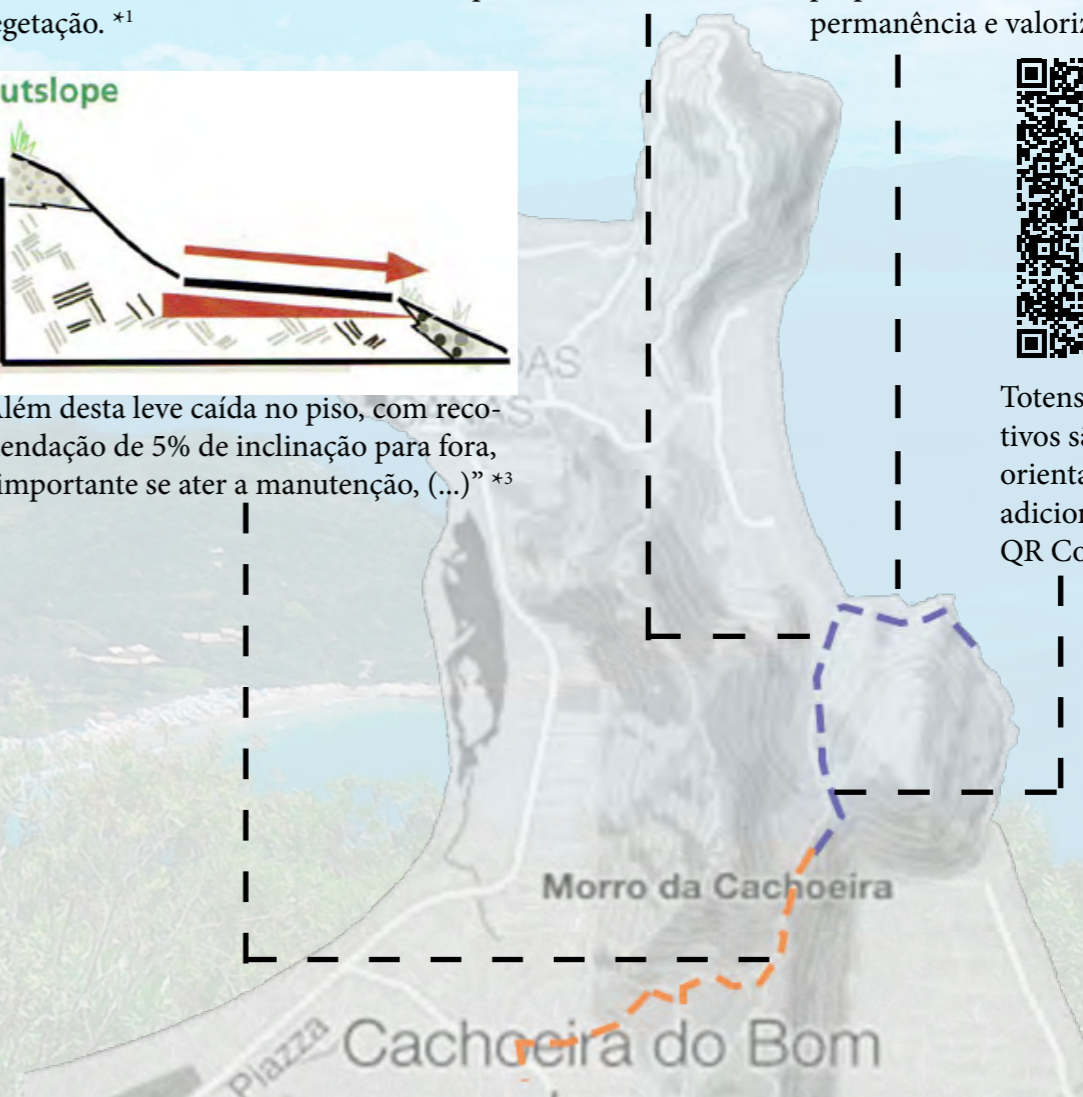
Propor lugares com estrutura para visualizar o entorno, principalmente em lugares propícios a isso, é um modo de favorecer a permanência e valorização do espaço. \*2



“Além desta leve caída no piso, com recomendação de 5% de inclinação para fora, é importante se ater a manutenção, (...)” \*3



Totens indicativos e objetivos são essenciais para a orientação. Informações adicionais podem ser por QR Code.



Percurso do Caminho do Rei com algumas diretrizes de melhorias.

\*1 Google Maps. Acessado em março de 2018.

\*2 <https://rodamundo.net.br>. Acessado em março de 2018

\*3 <http://zoombikepark.com.br/drenagens-nas-trilhas/>. Acessado em março de 2018

# Trilha Praia Brava - Lagoinha do Norte

A trilha teve diversas percepções, já que, foi executada diversos dias e com diversas pessoas.

Em relação à opinião pessoal, da autora, é um percurso de dificuldade baixa, porém, cansativo em alguns pontos, por possuir inclinação elevada (em alguns pontos chega a 50%) com pouca vegetação para fazer sombra nestes. Possui também algumas intervenções, como toras de madeira para formar escadas ou pontes. Porém, a madeira utilizada é de formato cilíndrico, dificultando a passagem na ponte (que não possui apoio) por pessoas com pouco equilíbrio. Em outros locais ela é um obstáculo, já que, quando molhada, a terra diminui o seu volume deixando a tora para fora.

Possui construções no seu início e final, com casas em área de preservação. Quando feita no sentido Lagoinha do Norte - Praia Brava é mais cansativa, (inclinações altas são subidas nesse sentido).

Vê-se a criação de mirantes com maior infraestrutura no seu início e final como uma maneira de proporcionar além de um espaço público de qualidade e sem grandes distâncias dos acessos, uma maneira de barrar a ocupação nesses locais.

A percepção geral do grupo de pesquisa de 14 pessoas, de 20 a 60 anos, que acompanhou a visita em um dos dias, no sentido Praia Brava - Lagoinha, foi de calor nos primeiros trechos, com sensação de descobertas na maioria dos pontos questionados, alguns, porém poucos, com vento. Foram destacadas a presença de flora, fauna, abundância de iluminação, paisagem com água, em geral heterogênea. As alturas, diferentemente do esperado, foram percebidas de maneira semelhante à classificação da autora.

A maioria da vegetação é típica ou já adaptada ao local, sendo uma menor parte as que não possuem essas características. Essa conclusão foi obtida através de levantamentos de vídeos e fotos com drone, analisados por botânicos procurados para o reconhecimento de algumas espécies. Foi obtida também com a entrevista a um morador local e artesão, que trabalha com a extração de árvores locais em risco.

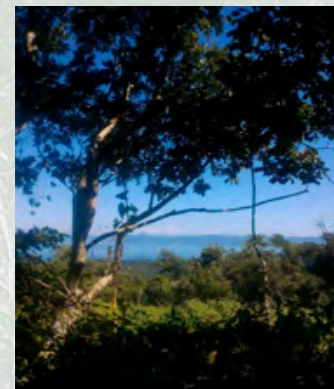
Sendo assim, são apresentadas abaixo as características e alguns dos levantamentos do local.



Rampa de parapente. Altitude de 160m, percebida como média em alguns casos. \*1



Alguns pontos são emoldurados por pedras. \*2



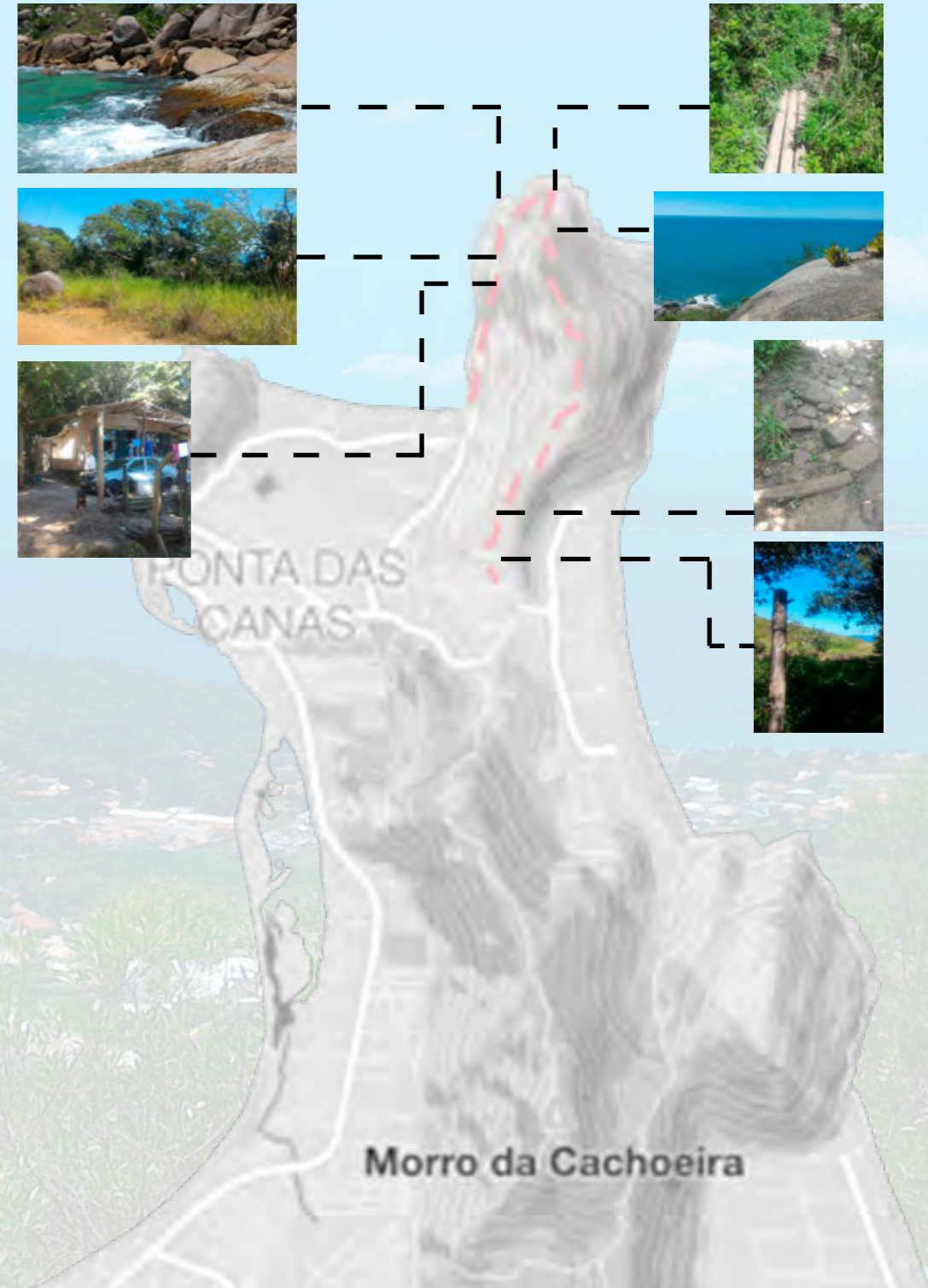
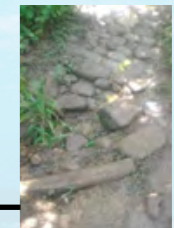
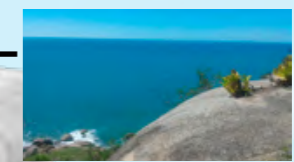
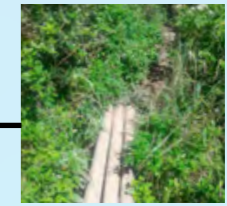
Algumas aberturas na vegetação para a paisagem proporcionam mirantes naturais. \*3



As placas não possuem informações relevantes para o percurso, sendo muito genéricas e/ou suscintas. \*4

\*1 \*2 \*3 \*4 Acervo próprio

# Análise e pesquisa do local



Percurso da trilha com demarcação dos pontos das fotos. \*1

\*1 Acervo próprio

## Análise e pesquisa do local

“As árvores atuam como uma camada protetora da terra e realizam um trabalho que nenhum ser humano pode fazer.” (MACLEAN, Dorothy, citado por SOLANO e SICILIANO, p.186)

Sem o objetivo de interferir no existente e introduzir espécies novas no local, foi feita uma pesquisa para tentar entender a flora presente e qual é a sua relação com o entorno.

O professor do departamento de botânica da Universidade Federal de Santa Catarina, Prof. Dr. Daniel Falkenberg, colabora na identificação de algumas espécies, expostas a seguir.

Nota-se, já por essas mencionadas, a diversidade, que poderia influenciar na preservação, como questionado na sequência.

Foto



<http://www.ufrgs.br/fitoecologia>. BAGATINI, João.

Descrição Da família *Arecaceae*. *Syagrus romanzoffiana*. Palmeira de médio porte, 8 a 15 metros, tronco fino e alto. Polpa comestível, fruto procurado pela fauna. Floresce em Dezembro a Fevereiro e seus frutos de Julho a Setembro. Segundo SOLANO e SICILIANO, seu significado é de expansão e vida.

Foto



<http://www.jardineiro.net>

Descrição Família *Agavaceae*. *Furcraea foetida*. Arbusto, exótico. Porte médio. Pode emitir inflorescência e suporta bem o calor.

Foto



<http://www.azueroproject.org>

Descrição Da família *Piperaceae*. *Piper sp.* Arbusto de médio porte. Importante na culinária, com a pimenta do reino e não possui frutos chamativos, porém, atrai pássaros. Nativa brasileira.

Foto



<http://www.wikiwand.com>

Descrição Família *Asteraceae*. *Eupatorium inulifolium*. Nativa. Floresce em Setembro, Março e Abril. Seu habitat é diversificado, contando com cerrado, catinga, Mata Atlântica, etc. Atrai lagartas e borboletas.

\*1 SOLANO, Carlos; SICILIANO, Sandra. Nossas árvores: O resgate do Sagrado. 2014.

\*Descrições retiradas dos sites <https://www.arvores.brasil.nom.br>, <https://www.infoescola.com>, <https://www.jardineiro.net>, <http://www.ceapdesign.com.br>, <https://sites.google.com/biodiversidadecatarinense> em julho de 2018.

## Análise e pesquisa do local

Foto



<http://botany.si.edu>

Descrição Família *Sapindaceae*. *Dondonaea viscosa*. Floresce em Julho e Setembro. Frutifica em Janeiro, Setembro e Outubro. Arbusto, nativa. Presente na Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica.

Foto



<https://sites.google.com/biodiversidadecatarinense>

Descrição Família *Asteraceae*. *Vernonia chamissonis*. Nativa, arbustiva. Presente de Minas Gerais a Santa Catarina, em Floresta Atlântica e Cerrado. Polinizada por insetos, como abelha.

Foto



<https://sites.unicentro.br/manejoflorestal>. Por LOPES

Descrição Família *Myrsinaceae*. *Myrsine umbellata*. Nativa, porte alto, atingindo até 18m. Floração de março a dezembro e frutificação em julho e agosto. Polinização avifauna, com sabiás, tucanos, gralhas amarelas e por mamíferos, como macacos.

\*Descrições retiradas dos sites <https://www.arvores.brasil.nom.br>, <https://www.infoescola.com>, <https://www.jardineiro.net>, <http://www.ceapdesign.com.br>, <https://sites.google.com/biodiversidadecatarinense>, em julho de 2018.

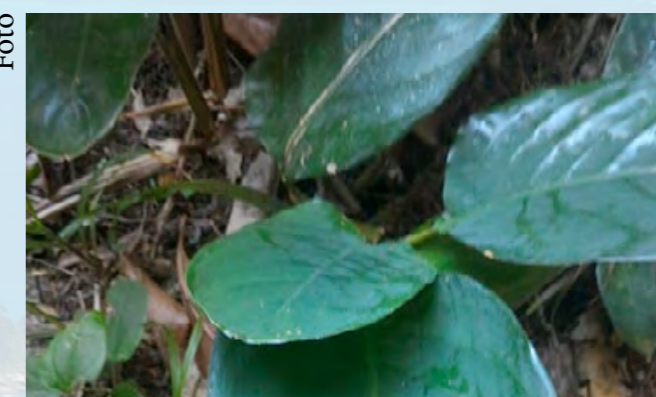
Foto



<http://www.wikiwand.com>

Descrição Família *Asteraceae*. *Eupatorium casarettoi*. Herbácea. Floração rosada e branca.

Foto



Acervo próprio

Descrição Família *Marantaceae*. Nativa, herbácea. Vive em meia sombra.

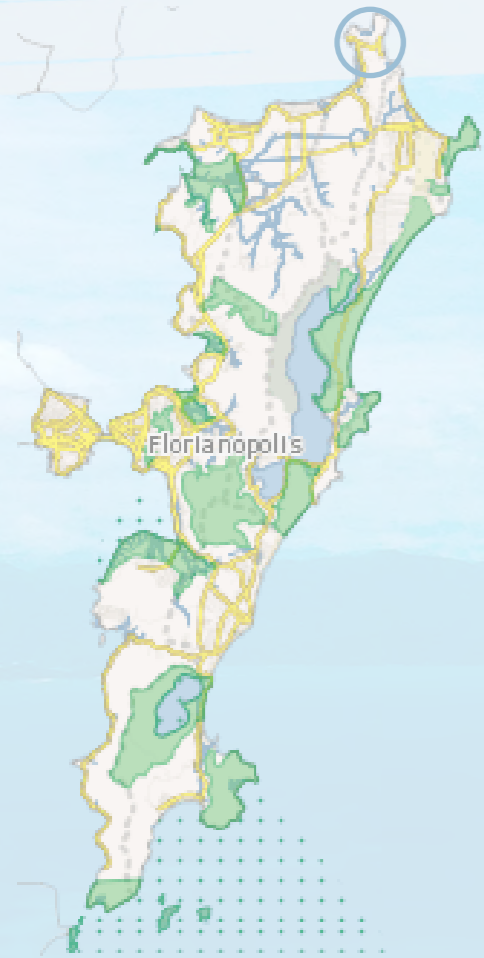
Foto



Acervo próprio

Descrição Família *Sapindaceae*. *Cupania vernalis*. Nativa, árvore. Floração em março, maio e junho. Porte médio a alto.

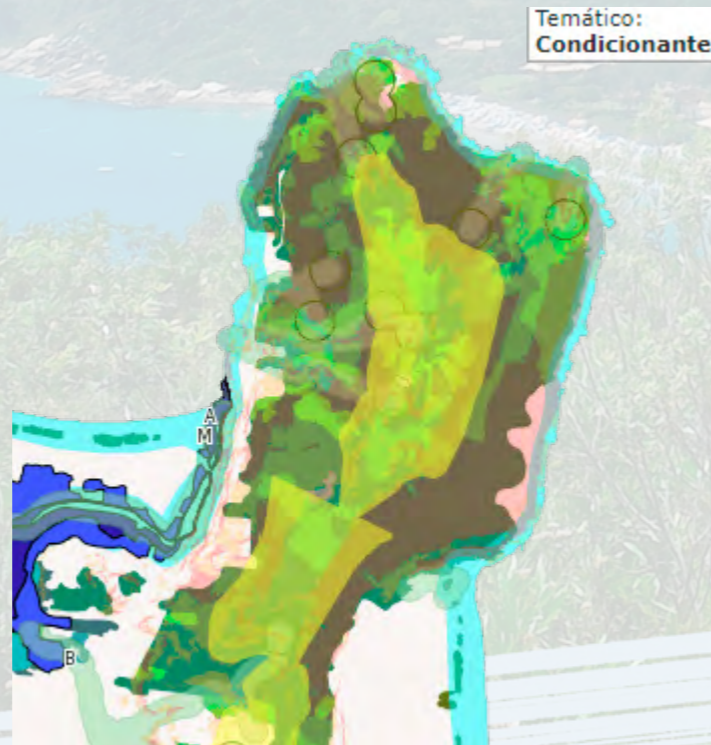
# Análise e pesquisa do local



O local de estudo, marcado por um círculo no mapa ao lado \*<sup>1</sup>, não consta como área de preservação no Geoprocessamento de Florianópolis, mesmo com a diversidade e riqueza da vegetação (como mostrado de maneira breve anteriormente). Surge então, o questionamento do “por quê” e a motivação para torná-lo mais valorizado e visado pelos órgãos responsáveis, dando motivos para ser preservado por uma unidade de conservação.

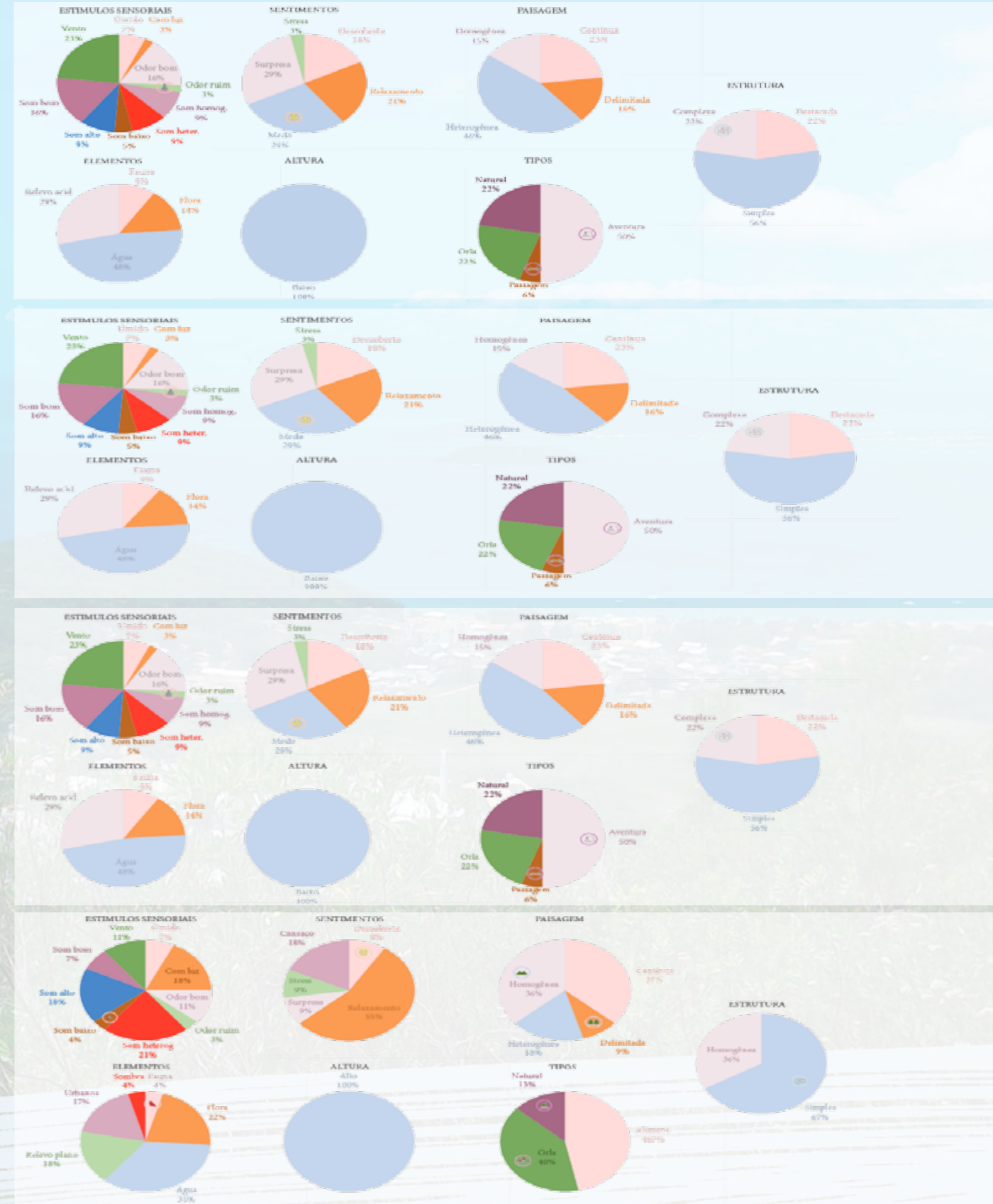
Somando a análise das condicionantes ambientais (mapa abaixo\*<sup>2</sup>), os motivos para o local ser conservado aumentam. Notamos a presença de cursos d’água, floresta Atlântica, manguezal, restinga, entre outros .

- Declividade - 46%
- Declividade - 50%
- POLIGONO NASCENTE
- BUFFER RIOS
- Áreas Inundáveis - Alta
- Áreas Inundáveis - Média
- Áreas Inundáveis - Banhado
- Da Linha de Costa ate LLM
- B - Banhado
- FAA - Floresta Atlântica Estágio Avançado
- FAI - Floresta Atlântica Estágio Inicial
- FAM - Floresta Atlântica Estágio Médio
- M - Manguezal
- R - Restinga
- RAA - Restinga Arborea Estágio Avançado
- RRI - Restinga Arborea Estágio Inicial
- N/C - Não Classificado
- RAM - Restinga Arborea Estágio Médio
- RBA - Restinga Arbustiva Estágio Avançado
- RBI - Restinga Arbustiva Estágio Inicial
- RBM - Restinga Arbustiva Estágio Médio
- REF - Reflorestamento
- RHA - Restinga Herbacia Estágio Avançado
- RHI - Restinga Herbacia Estágio Inicial



# Análise e pesquisa do local

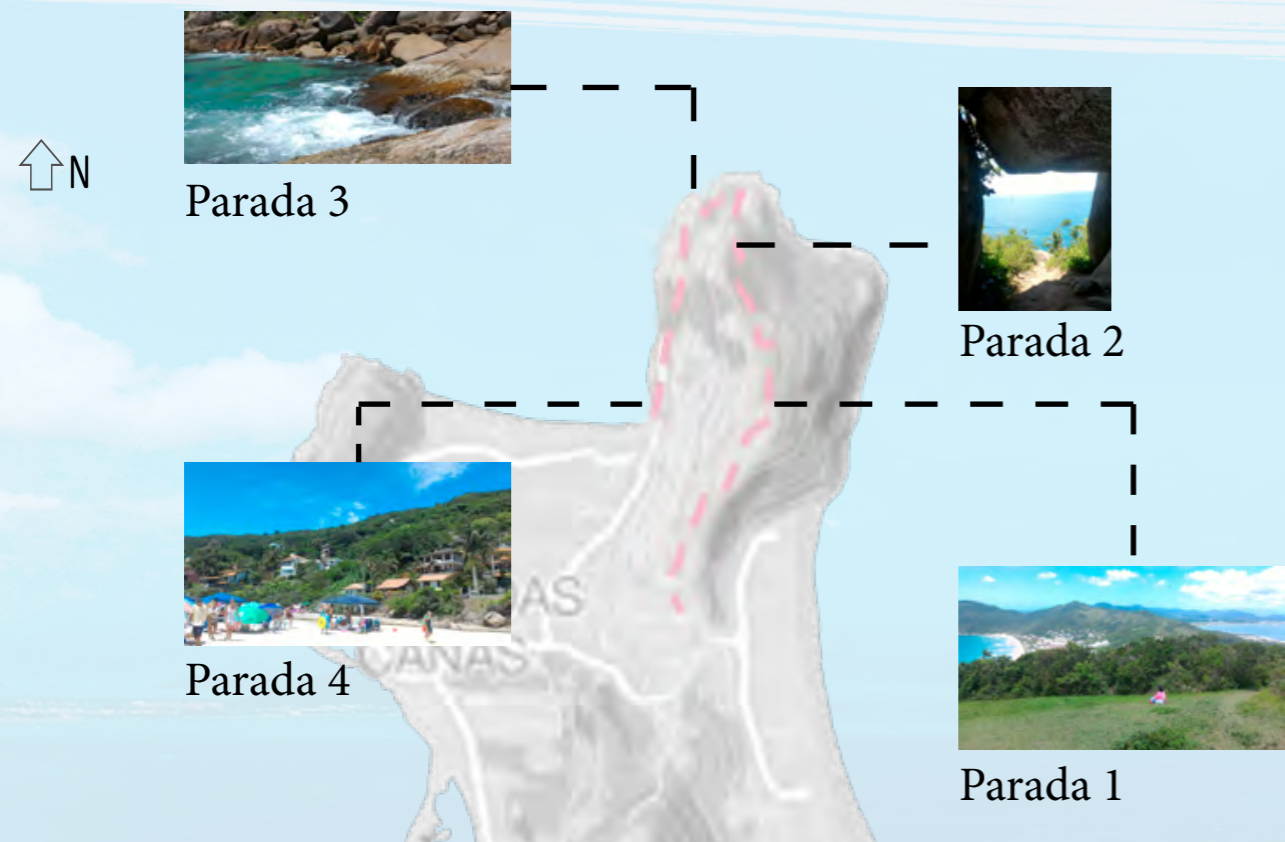
Os pontos de parada para pesquisa com o grupo estão no mapa da página seguinte. Os símbolos foram colocados nos resultados diferentes dos esperados.



\*<sup>1</sup> Geoprocessamento de Florianópolis. Disponível em <http://geo.pmf.sc.gov.br/>, acessado em junho de 2018.

\*<sup>2</sup> Geoprocessamento de Florianópolis. Disponível em <http://geo.pmf.sc.gov.br/>, acessado em junho de 2018.

## Análise e pesquisa do local



Percurso da trilha com demarcação dos pontos de parada. \*1

Com base na pesquisa e experiência, as propostas de requalificação abrangem mais sombra em percursos mais inclinados e difíceis, degraus menos espaçados, valas de água e cuidado com o material do piso para não acumular água ou ficar seco e escorregadio demais, pontos de parada para observação e contato com a natureza, placas com informações mais pontuais e funcionais, etc.

## Níveis de intervenção

Analisando a pesquisa e as necessidades, propõe-se diferentes níveis de complexidade de intervenção na trilha, sendo os mais altos, mudanças no relevo existente, com cortes de morros ou mudança de pavimentação e proposta de cobertura, os de intervenção média, estruturas propostas de mirantes, bem como trabalho com drenagem. E os níveis de intervenção baixa, introduções de elementos naturais, para vencer grandes inclinações, por exemplo, ou o trabalho com diferentes portes de vegetação, entre outros, que causem pequenos impactos.



- Pontos de chegada
- Intervenção alta
- Intervenção média
- Intervenção baixa

## Padrões

Com os níveis de intervenção, a pesquisa, acompanhamento de inclinação e tempo demandado em cada trecho, por um aplicativo, e diversas visitas, foram encontrados padrões, que podem ser seguidos em outros locais que possuam características semelhantes, como outras trilhas da Ilha, por exemplo.

Esses padrões encontram-se no mapa abaixo e, posteriormente, apresentam-se as propostas para eles, seguidos de detalhamentos.



- Caminho trilha
- Orla
- Pontos de chegada
- Intervenção alta
- Mirantes propostos
- Intervenção média
- Mirantes naturais
- Escoamento de água
- Incl. acima de 20%
- Ponto Parada
- Entrada na água
- Placas
- Vegetação
- Substituição de materiais

\*1 Acervo próprio

# Padrões

## ● Pontos de chegada

Foto



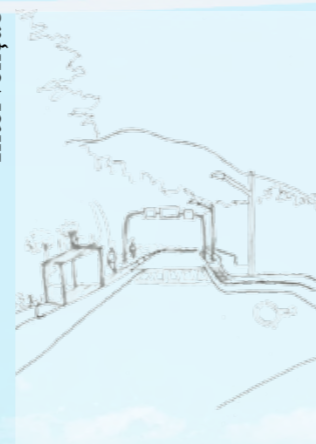
Intervenção



Foto

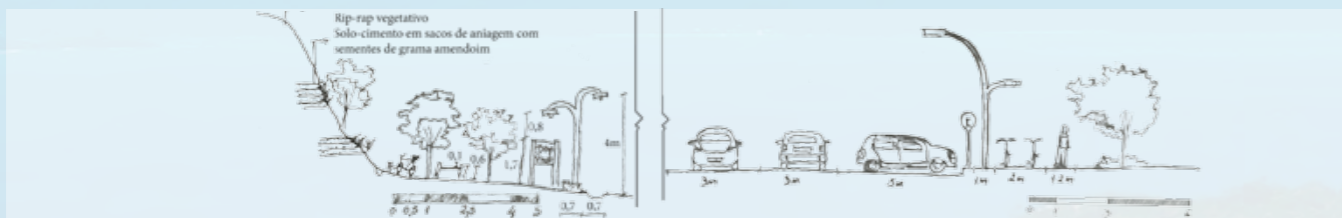


Intervenção



Entrada recebe área de estar e amortecimento antes do ingresso, com bicicletário, placa informativa, faixa de pedestres, bancos. O relevo é amenizado com contenção de rip rap vegetativo, com sacos de solo cimento e grama amendoim.

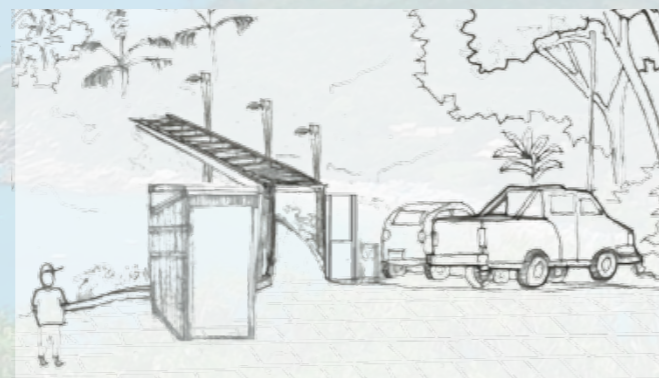
Intervenção



Foto

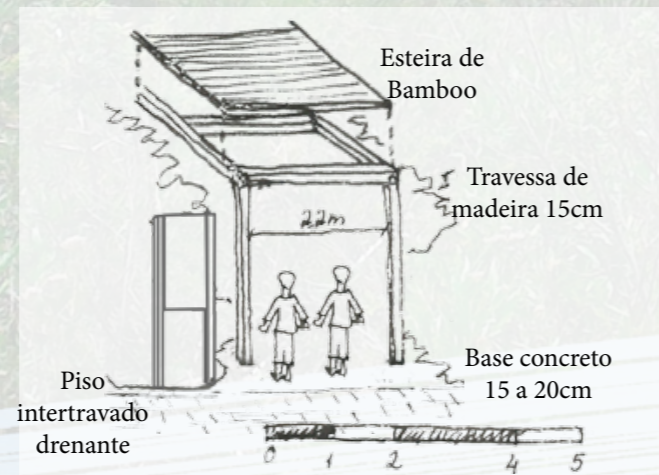


Intervenção



É prevista a parada para carros, bicicletário, banheiro seco onde se vê a necessidade. São alocadas placas com informações de chegada à trilha, com mapa simplificado, extensão, nome e QR Code. Onde não possui banco e espaço de espera é devido à proximidade de um mirante construído, onde pode ser feito o momento de espera e descanso.

Intervenção

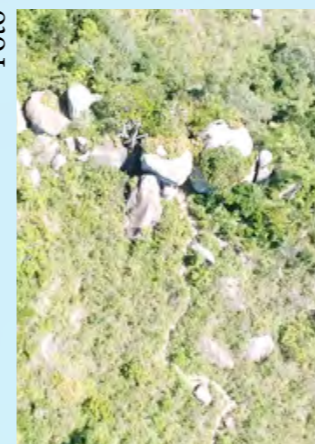


Fotos e desenhos da autora

# Padrões

## ● Mirantes naturais

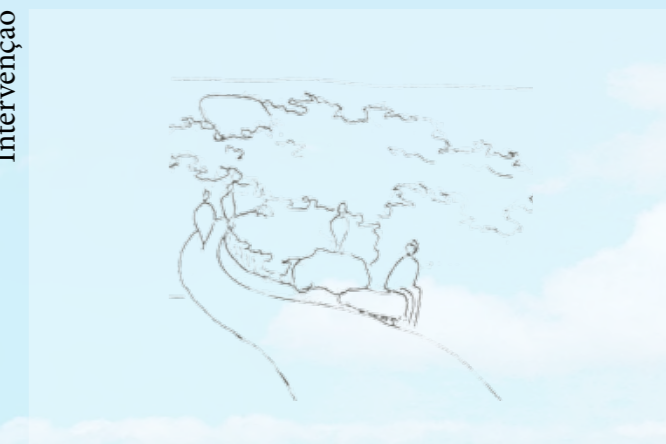
Foto



Intervenção



Intervenção



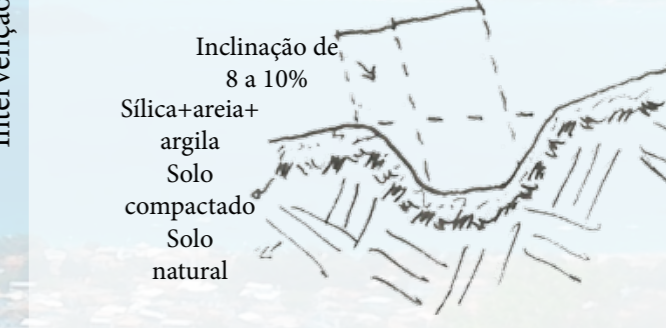
Onde não tem, é alocada vegetação para fazer sombra se o local é de permanência e descanso. Os pontos de mirantes no decorrer da trilha, já existentes, recebem apenas facilitações para acessar a vista, como abertura leve da vegetação e materiais naturais que auxiliam subir nas pequenas pedras, por ex.

## ● Escoamento de água

Foto



Intervenção



Lugares com inclinação que acumulam a água, passam a ter o relevo e o solo (equilíbrio entre argila, silite e areia) tratados para caminhabilidade adequada e escoamento da água.

Foto



Intervenção



Escoamento de água por vala onde é próximo a entradas.

Fotos e desenhos da autora

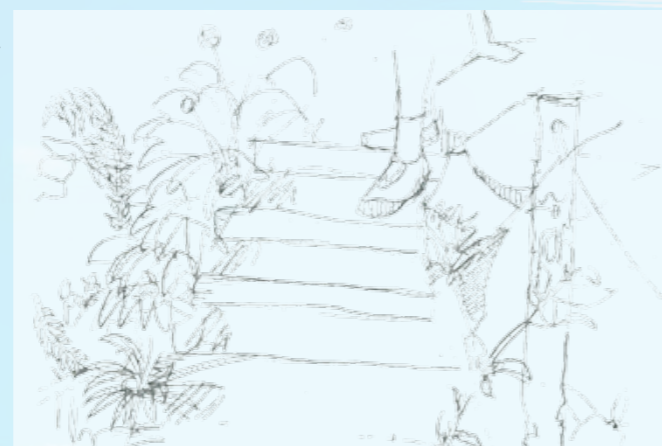
# Padrões

## ● Inclinação acima de 20%

Foto



Intervenção

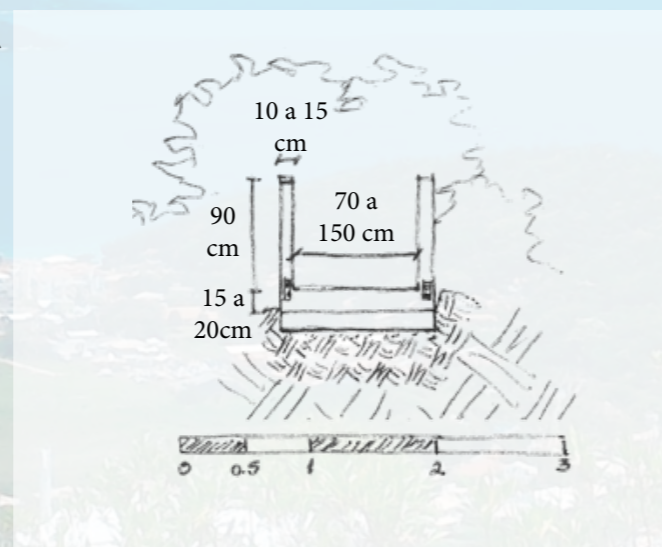


Descrição Mesmo com antigas intervenções, algumas descidas são difíceis de serem enfrentadas. Acrescentam-se assim mais degraus, com espaçamentos menores e alguns apoios com a própria pedra ou pedaços de madeira, principalmente de árvores já caídas ou em risco.

Intervenção



Intervenção

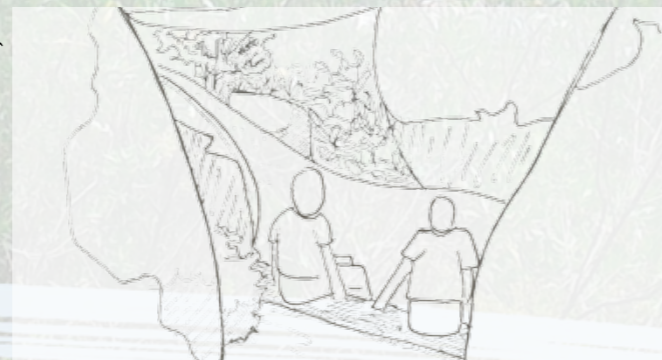


## ● Pontos de parada

Foto



Intervenção



Descrição Locais onde já existem sombra, são muito aproveitados para descanso. Como o solo fica muito úmido em alguns dias, o ideal é que sejam acrescentados materiais como madeira para facilitar isso.

Fotos e desenhos da autora

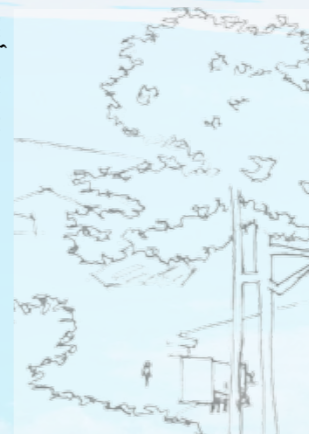
# Padrões

## ● Entrada na água

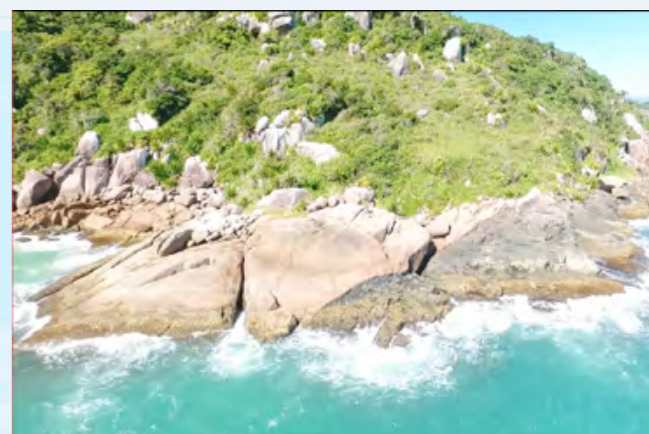
Foto



Intervenção

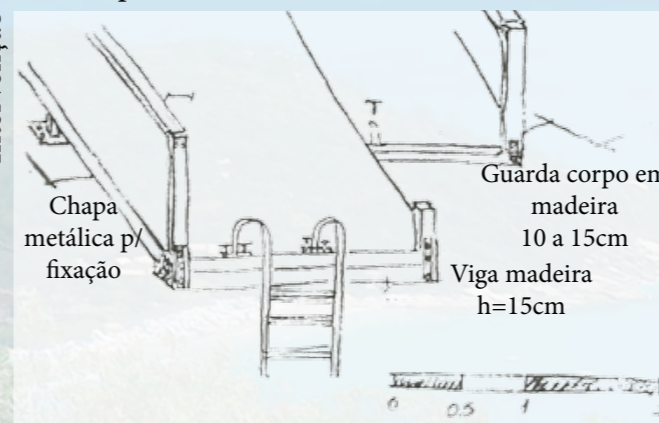


Foto

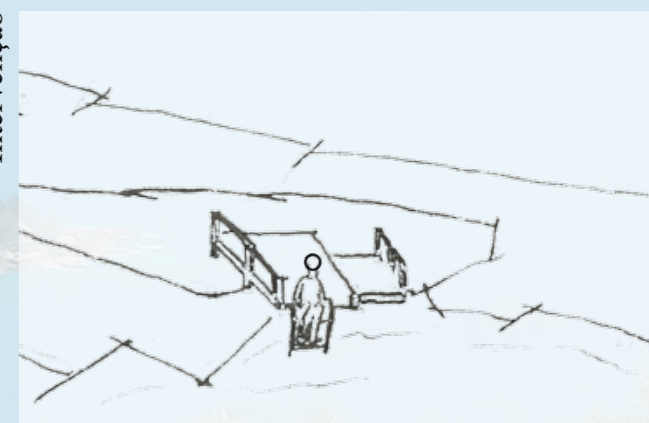


Descrição Local com proximidade à água. Hoje, pessoas entram no mar quando a maré está baixa, porém, sem estrutura para isso, se cortam pela grande quantidade de material orgânico preso às pedras. Além de encontrarem dificuldade para sair da água. É, então, prevista a alocação de estrutura que dê suporte para essa prática, desde que sejam feitos estudos para analisar viabilidade.

Intervenção



Intervenção



## ● Placas

Foto



Intervenção



Descrição As placas recebem mais informações, como distâncias, pontos em comum ao em que se está, espécies de fauna e flora pela trilha, históricas de como era o local e QR Code.

Fotos e desenhos da autora



# Padrões

## Placas

**Intervenção** **Intervenção** **Intervenção** **Intervenção**

**Intervenção**

(Aproxime seu leitor para visualizar as informações)

## Mudança na vegetação

**Foto** **Intervenção** **Foto** **Intervenção**

**Descrição** Vegetação é tratada conforme orientação solar em percursos mais exaustivos. Vegetação adensada ao Oeste. Vala para escoamento. Em locais onde a vista já é privilegiada, a vegetação é tratada e levemente aparada.

**Foto** **Intervenção**

**Descrição** Coloca-se vegetação para proteger da insolação direta em um percurso muito inclinado e para emoldurar a paisagem nas curvas. A abertura é feita com corte de baixo para cima, com facão ou foice, de maneira com que o galhos internos ao caimento sejam mais altos para incentivar o percurso por esse lado.

Fotos e desenhos da autora

# Padrões

## Mudança na vegetação

**Intervenção** **Intervenção**

## Substituição de materiais

**Foto** **Intervenção** **Foto** **Intervenção**

**Descrição** Vegetação é aberta para visualização do curso de água que passa embaixo. Madeira substituída por uma de seção retangular, guardacôrpo é acrescentado. Os materiais de contenção, como pedra e madeira, onde normalmente tem inclinação, são substituídos por materiais naturais mais planos, sem seções cilíndricas.

**Intervenção** **Intervenção**

Diagram labels: Corda. Espessura 2,5cm; Vão máximo 1,5m; Prancha de tráfego espaç 2cm; Tablado 2,5 a 4cm espaç 2cm; Madeira espessura de 10 a 20 cm; Fixação com chapa metálica; Viga. espessura=20cm. comp=3m; Dormente. d=25cm. espaç=até 3m; Solo compactado; Solo natural; riacho.

Scale: 0 0,5 1

Fotos e desenhos da autora

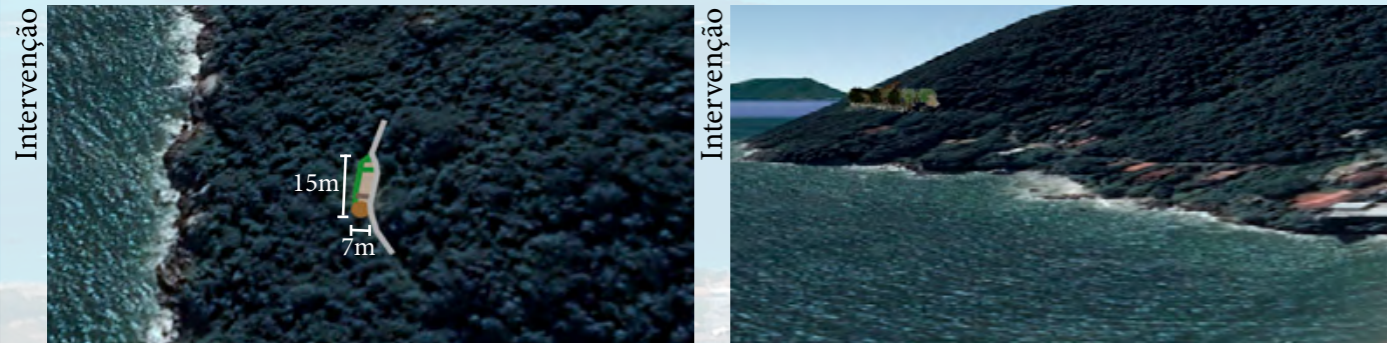
# Padrões

## Mirante proposto - Exemplo da Praia Brava

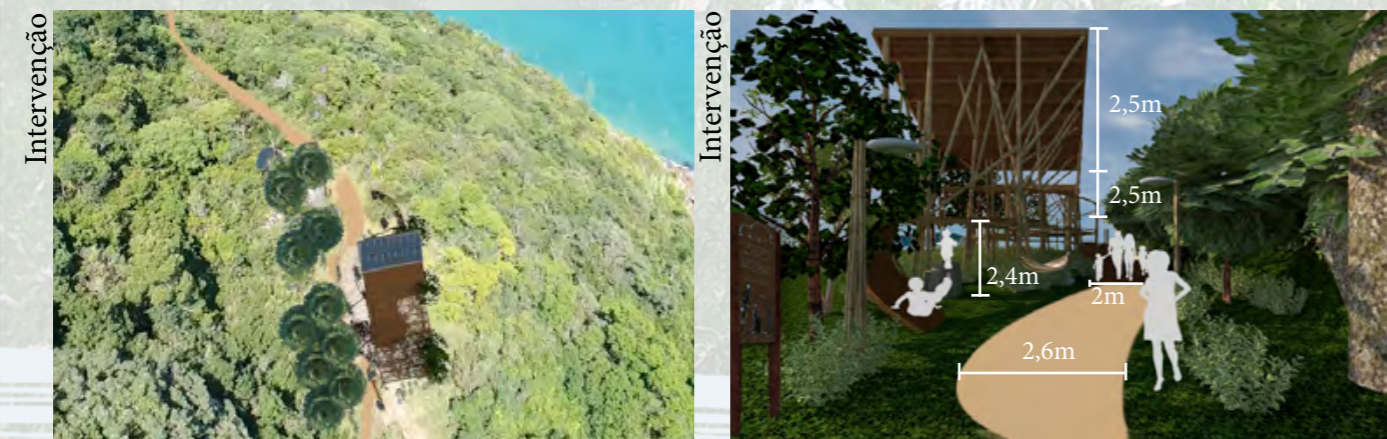


Terreno vazio próximo a edificações já existentes. Como já possui ligação com outras partes e está próximo à entrada da Praia Brava, terreno possui a característica desse padrão, que é ser próximo à ocupação e servir como delimitador de apropriações. Estrutura segue a diretriz de ser com materiais locais, como bambu e madeira, disponíveis na região, e de utilizar mão de obra local. São apontados os espaços dedicados a **estrutura do mirante**, o de **observação da natureza e entorno**, o de **lazer** e o de **passagem**.

## Mirante proposto - Exemplo da Lagoinha do Norte



Implantação no terreno da Lagoinha do Norte. Espaço dedicado à **estrutura do mirante**, de **observação da natureza e entorno**, de **lazer** e de **passagem**. Vista de cima e da praia.



Próximo à entrada da Lagoinha do Norte e algumas construções, terreno, já em área de APP, será usado como mirante. A natureza existente fará parte desse espaço, aproveitando as pedras e a vista para entretenimento. Os materiais utilizados são os locais, com mão de obra também local, como a do Seu Adalto, artesão local que trabalha há anos com extração e trabalho em madeira.

Fotos e desenhos da autora

# Padrões

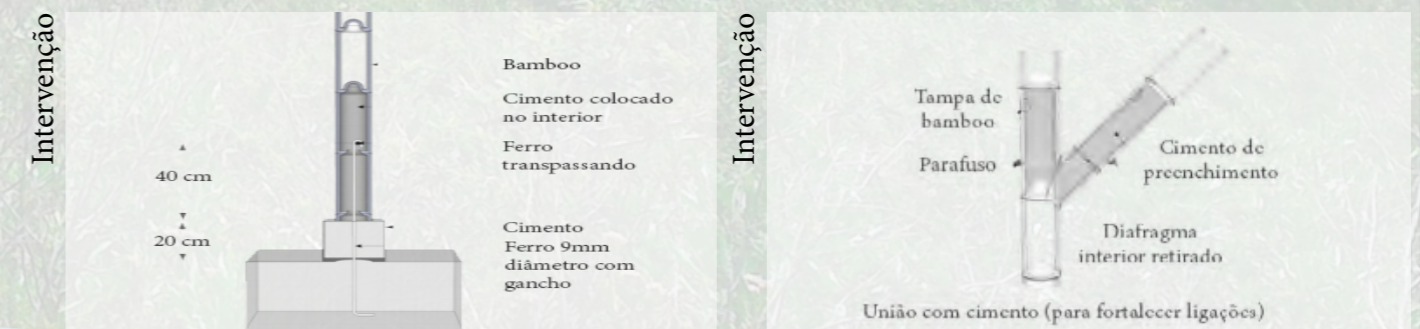
## Mirante proposto - Exemplo da Lagoinha do Norte



Os bancos, placas, lixeiras, são feitos de madeira que já tenha se desintegrado naturalmente das árvores ou corra o risco de ser. Espaço dedicado à observação do entorno e da natureza é próximo à espécies que atraem a fauna.



Encontro do bambu com solo é evitado com a base de concreto, de 30 cm (a inferior) e 20 cm (superior), baseados na norma de estruturas de Bamboo do Peru. Cobertura com um bambu apoiando a madeira e outro encaixando com um parafuso à esta. Localiza-se internamente à madeira para proteção do sol. Baseado em pesquisa com profissionais que estudam o assunto.



Detalhamentos de encaixe e base de concreto segundo a Norma Peruana de Estruturas em Bamboo.\*<sup>1</sup>

Fotos e desenhos da autora

\*<sup>1</sup> Norma Peruana E.100 Bambu.

# Bibliografia

ALVES, Lidiane Aparecida. **REPRESENTAÇÕES DAS TRANSFORMAÇÕES ESPACIAIS: breves considerações sobre a paisagem urbana.** Tese, 2014

GIBSON, James J. **THE ECOLOGICAL APPROACH TO VISUAL PERCEPTION.** Psychology Press, NY, 2015

**RAZABONI, Jacira. PRODUÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA: análise e interpretação da paisagem na dinâmica urbana – maringá - pr.** Maringá, 2008

PARANÁ, Governo do Estado. **COMPREENSÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO POR MEIO DO ESTUDO DA PAISAGEM.** Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor pde. Artigos

GEHL, Jan. **CIDADE PARA PESSOAS,** 1936. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 2015

ULTRAMARI, Clovis et.al. **O OLHO DO INSETO: Ensaio sobre a cidade.** Curitiba: Champagnat, 2014.

MOORE, Charles W. et. al. **A POÉTICA DOS JARDINS.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

NIKKO, Bushidô. **SUN TZU: A arte da Guerra.** São Paulo: Jardim dos Livros, 2006

DETONI, Adlai Ralph. **Sobre a percepção espacial.** Rem: Rev. Esc. Minas, Ouro Preto, v. 54, n. 1, p. 81-84, Mar. 2001. Encontrado em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0370-44672001000100014&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0370-44672001000100014&lng=en&nrm=iso)>. Acessado em 05 Dec. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0370-44672001000100014>.

AMORIM, Flávia Pereira; TANGARI, Vera. **Paisagem Ambiente: ensaios - n. 22 - São Paulo - p. 61 - 73 - 2006**

DE HOLANDA, Francisco, et. al; **Estudos urbanos e regionais** nº 3 / outubro 2000

RIBEIRO Caroline, GUIMARÃES Laila, AMORIM Marília, MONTEIRO Patrícia; **Morfologia urbana e desenho da cidade.** 2011. Encontrado em <<https://pt.slideshare.net/mariliaamorim1/a-forma-urbana>>. Acessado em 11 de dezembro de 2017.

GONÇALVES, Fábio Mariz; MACEDO, Silvio Soares. **O desenho da paisagem: a relação entre os padrões de urbanização e o suporte físico.** 1999.[s.n.], São Paulo, 1999.

DA SILVA, Jonathas Magalhães; **Unidade de paisagem e o estudo da forma urbana: reflexões sobre suas contribuições para o campo disciplinar da arquitetura e urbanismo,** Campinas. Encontrado em <<http://quapa.fau.usp.br/wordpress/wp-content/uploads/2016/03/Unidade-de-paisagem-e-o-estudo-da-forma-urbana-Reflex%C3%B5es-sobre-suas-contribui%C3%A7%C3%B5es-para-o-campo-disciplinar-da-arquitetura-e-urbanismo.pdf>>. Acessado em 14 de dezembro de 2017.

<<http://www.guiafloripa.com.br/turismo/praias/cachoeira-do-bom-jesus>>. Acessado em 18 de dezembro de 2017.

<<https://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/populacao-deixa-regioes-tradicionais-de-florianopolis>>. Acessado em 18 de dezembro de 2017

DE JESUS, Giselli Ventura. **A expansão urbana do Norte da Ilha de Santa Catarina: XI Encontro nacional da ANPEGE, Presidente Prudente, SP, 2015**

# Bibliografia

ABIKO Alex Kenya, et. al. **Urbanismo: história e desenvolvimento.** São Paulo, 1995.

SEESP, **Ciclos da natureza e dinâmica da paisagem.** Acervo digital UNESP. São Paulo, 2011.

BARATTO, Romullo. **10 razões pelas quais uma cidade precisa de planejamento urbano.** 2014 <https://www.archdaily.com.br/br/01-174761/10-razoes-pelas-quais-uma-cidade-precisa-de-planejamento-urbano> Acessado em 19 de dezembro de 2017

QUEIROZ, Daniel. **Floripa de todos os povos.** <https://ndonline.com.br/florianopolis/especial/floripa-de-todos-os-povos>. Acessado em 22 de dezembro de 2017

Percursos por trilhas, encontrados em <<https://pt.wikiloc.com/wikiloc/find.do>>, acessado em 19 de janeiro de 2018.

ROSA, Edson. Florianópolis, 2016. Encontrado em <<https://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/programa-roteiros-do-ambiente-resgata-caminhos-historicos-para-turismo-ecologico-na-ilha>>, acessado em 24 de janeiro de 2018.

CARRILHO, Pedro. **Nas trilhas do Nepal,** 2012. Encontrado em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/turismo/28554-nas-trilhas-do-nepal.shtml>>, acessado em 26 de fevereiro de 2018.

ZENDRON, Natália. **Bem vindos ao Trekking até o Campo Base do Everest – A trilha mais bonita do mundo!** Encontrado em <http://www.passaporteaberto.com.br/2016/11/09/bem-vindos-ao-trekking-ate-campo-base-do-everest-a-trilha-mais-bonita-do-mundo/>, acessado em 26 de fevereiro de 2018.

STIVAL, Suzany Pissinati. **Angkor, a cidade perdida.** <http://www.ipartiu.com/angkor-a-cidade-perdida/>, acessado em 26 de fevereiro de 2018.

Drenagem das trilhas, encontrado em <http://zoombikepark.com.br/drenagens-nas-trilhas/>. Fonte da informação FELTON, Vernon. 2004. **IMBA, Trail Solutions**

SCHWENK, Lunalva; MADUREIRA, Carla. **Processos espaciais: descentralização da área central e da cidade e a segregação da favela e da cidade.** 2005 - n. 2 - v. 27 - Maringá - p. 181-188.

FARIA, Antonio Paulo. **Classificação de montanhas pela altura.** 2013, UFRJ. Disponível em [http://www.extremos.com.br/noticias/130730\\_classificacao\\_de\\_montanhas\\_pela\\_altura/](http://www.extremos.com.br/noticias/130730_classificacao_de_montanhas_pela_altura/). Acessado em março de 2018

MOORE, Charles W. et al. **The poetic of gardens.** 1988. Tradução: Gabriela Celani. - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

TRC Tourism Pty Ltd, 2015. **Guidelines for trail planning, design and management.**

JARAMILLO, Andrea. **Pesquisa com a arquiteta especializada em estruturas de bambu.**

RODRIGUES, Ana. **Pesquisa com a agrônoma.**

MINISTERIO DE VIVIENDA, CONSTRUCCIÓN Y SANEAMIENTO. **Norma Peruana E.100Bambu**

SOLANO, Carlos; SICILIANO, Sandra. **NOSSAS ÁRVORES, O Resgate do Sagrado,** 2014.